

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AMAZÔNIA EM “O NOME DA MORTE”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Bolsista: Sue Anne Guimarães Cursino, FAPEAM

PARINTINS
2011

AMAZÔNIA EM “O NOME DA MORTE”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0066/2010

AMAZÔNIA EM “O NOME DA MORTE”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Bolsista: Sue Anne Guimarães Cursino, FAPEAM
Orientador: Profº Drº Antônio Heriberto Catalão Júnior

PARINTINS
2011

RESUMO

Este trabalho objetiva contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “O nome da morte: a história real de Júlio Santana”, escrito pelo jornalista Klester Cavalcanti. Para tanto, toma-se como referencial teórico-metodológico a teoria bakhtiniana da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), na qual o dialogismo é entendido como a relação de sentidos entre os enunciados que se articulam e resultam em um entendimento sobre um dado objeto. É neste sentido que a Amazônia é entendida como uma realidade semiótica construída, inventada e estabelecida por meio das diversas vozes que se articulam e interagem no livro. A obra é resultado de sete anos de pesquisa sobre a vida de um matador profissional que atuou em vários lugares da Amazônia Legal. Júlio Santana poderia ser apenas um pescador, mas se tornou um assassino de aluguel responsável por 492 mortes. Por meio da análise do livro obteve-se o cumprimento dos objetivos específicos do projeto de pesquisa, os quais se referem ao modo de como o autor se relaciona com a natureza amazônica; como se dá a interação entre a natureza e o homem da região; como ele delinea as relações sociais e humanas na Amazônia e como o local é situado no Brasil e no mundo. São apresentadas as identificações de como o jornalista Klester Cavalcanti insere a voz de outro em seu enunciado e como caracteriza a região amazônica em seus aspectos vegetativos, hidrográficos, climáticos, sociais, econômicos e políticos, pois à medida que o autor conta a biografia de Júlio Santana, também articula um enunciado sobre a região. Desta forma, entende-se aqui a Amazônia como uma realidade semiótica construída, inventada e (re) estabelecida por meio de várias vozes que se articulam no âmbito do enunciado.

Palavras-chave: dialogismo; enunciado; gêneros do discurso; livro-reportagem

SUMÁRIO

Introdução	6
1. Fundamentação teórico-metodológica: o dialogismo em Bakhtin.....	8
1.2. Descrição Metodológica.....	11
2. Representações da Amazônia em “O nome da morte”.....	13
2.1. O autor e a natureza amazônica.....	13
2.2. O amazônida e a natureza amazônica.....	19
2.3 A relações humanas e sociais na Amazônia.....	27
2.4- A relação entre a Amazônia, o Brasil e o mundo.....	36
Considerações Finais.....	48
Referências	50

Introdução

Os estudos sobre as caracterizações da região amazônica, nos mais diversos campos da cultura, ainda fazem parte de uma tradição de pesquisa recente no Brasil. Como estudiosos desta área, citam-se Neide Gondim (1994), Manuel Dutra (1999) e Sirlei Silveira (2004), que apresentam, respectivamente, trabalhos sobre as representações da Amazônia nos discursos dos viajantes, nos meios de comunicação e na literatura de autores pré-modernistas, como Euclides da Cunha. É no sentido de fomentar mais pesquisas neste campo que este trabalho tem como temática o estudo sobre como a região amazônica é caracterizada em um gênero do discurso emergente no Brasil, o livro-reportagem.

Deste modo, objetiva-se contribuir para uma compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “O nome da morte: a história real de Júlio Santana¹”, escrito pelo jornalista Klester Cavalcanti, no sentido de identificar como se dá a caracterização da região amazônica em seus aspectos botânicos, hidrográficos e climáticos; entender como são construídas as relações do amazônida com a natureza; investigar como acontecem as relações humanas e sociais na região e saber como ela é situada no Brasil e no mundo.

Foram necessários cerca de sete anos para a conclusão de “O nome da morte: a história real de Júlio Santana”. Cavalcanti conta a biografia de um matador profissional que morava na cidade de Porto Franco, situada no sul do Maranhão, fronteira leste da Amazônia Legal. No período de 1971 a 2006, Júlio Santana matou 492 pessoas. O assassino de aluguel esteve em vários lugares da Amazônia Legal, como Serra Pelada (PA), Açailândia (MA) e Xambioá (TO), além de atuar em outras regiões do país.

Por meio da narrativa, Cavalcanti apresenta a personagem como um homem que poderia ser um típico caboclo pescador da Amazônia, mas ao contrário, se tornou um matador de aluguel. Ele conta histórias que Júlio viveu com os pais, irmãos, namorada de infância, esposa, filhos e com o tio que o inseriu na vida de matador profissional. O jornalista também relata os serviços do pistoleiro, mas ao mesmo tempo fala das pessoas, da urbanização e da natureza, de forma a mostrar como esses elementos constroem relações na região amazônica.

¹ Livro-reportagem publicado em 2006 pela Editora Planeta do Brasil.

Além dos depoimentos de Júlio, o autor teve acesso a documentos, fotos, testemunhos de parentes de vítimas e pessoas que o conheceram, para (re) construir a história desse brasileiro nas 445 páginas do livro.

Para fazer a análise de discurso, a pesquisa foi executada por meio de um referencial teórico-metodológico que consiste na concepção dialógica da linguagem proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006). Assumiu-se tal perspectiva abordando o livro como um grande diálogo, dinâmica por meio do qual se dá o funcionamento concreto e efetivo da linguagem e mediante a qual diferentes sujeitos produzem enunciados.

É como enunciado que se concebe o livro, analisando-o com o objetivo de identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica, considerando-se que tais posições são construídas em relação a outros discursos que também individualizam a região, criando uma realidade que é sempre mediada por meio da linguagem, nunca finalizando-a.

Este trabalho divide-se em três partes. Primeiramente é apresentada a fundamentação teórica da pesquisa, identificando a noção de livro-reportagem entendida no trabalho; a seguir são apresentados os principais conceitos da concepção bakhtiniana da linguagem, visando o esclarecimento de alguns termos; posteriormente é feita a apresentação da descrição metodológica que norteou as atividades executadas no trabalho, apresentando os procedimentos de como são identificadas as vozes que constroem um enunciado sobre a Amazônia a partir do livro estudado.

No segundo momento são apresentados os resultados da análise, onde se atinge o cumprimento de quatro objetivos específicos da pesquisa, correspondentes ao entendimento de como a Amazônia é individualizada pelo autor no que condiz aos seus aspectos naturais; à identificação de como são caracterizadas as relações entre homem e natureza; saber em que medida se apresentam as relações humanas e sociais na Amazônia e como o jornalista situa a região no espaço territorial brasileiro e no mundo.

Por fim, é apresentada a conclusão do trabalho. Nela são feitas as considerações sobre os objetivos deste estudo, que pretende contribuir para uma compreensão mais ampla sobre como a região amazônica é caracterizada no gênero do discurso emergente em análise.

1. Fundamentação teórico-metodológica: o dialogismo em Bakhtin

Por se tratar de um trabalho que tem o livro-reportagem como *corpus* da pesquisa, torna-se importante conceituar este gênero. Lima (2009) entende o livro-reportagem como “veículo”, onde a reportagem é uma ampliação da notícia com aprofundamento das questões e desdobramentos possíveis:

Livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, da horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 2009, p. 26).

Neste trabalho apreende-se o livro-reportagem não apenas como um “veículo”, mas sim como gênero do discurso, conforme é apresentado na tese de Catalão Júnior (2010) que por meio da teoria bakhtiniana entende o livro-reportagem como:

um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico; seus enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livro; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JUNIOR, 2010, p.08).

No Brasil contemporâneo ainda são poucas as pesquisas que abordam o livro-reportagem como gênero do discurso, mas é por meio dessa corrente que se pauta este trabalho, abordando o livro-reportagem como gênero que resulta em um enunciado sobre um dado objeto, caracterizando-o por meio das diversas posições assumidas pelo autor e demais personagens em uma narrativa que tem como base a linguagem escrita.

Neste sentido, cabe elucidar que se entende os enunciados como “unidades reais de comunicação” (FIORIN, 2008, p.20), independentemente de sua extensão. A partir desse entendimento, compreende-se a teoria da linguagem de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, que defende que todo enunciado é dialógico, uma vez que é um discurso vivo e deve ser visto em um contexto real e histórico de um dado campo comunicacional, ou seja, em um contexto de interação entre o falante e o ouvinte:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1988, p.88).

Desta forma, Bakhtin e seus colaboradores, o “Círculo de Bakhtin”, concebem a idéia do dialogismo como o processo de interlocução entre enunciados que carregam a voz de outrem, podendo ocorrer em discurso verbal ou não-verbal. O filósofo russo defende a idéia de que não há enunciado virgem, ou seja, um enunciado que não carregue a voz de outrem, pois é nas relações dialógicas que um enunciado demonstra os juízos de valores assumidos e dirigidos a outrem, uma vez que todo enunciado tem uma posição ideológica, autor-destinatário e permite a produção de uma resposta, seja de concordância ou não:

todo o discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido pela névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele (BAKHTIN, 1988, p.86).

Por meio dessa afirmação, pode-se dizer que no dialogismo tudo o que foi dito é baseado em uma fala anterior, que em interação com a voz de outros pode incitar o surgimento de novos enunciados. Em tais falas estão presentes juízos, que trazem em seu bojo as vozes de outrem, ou seja, não são originais, pois foram criadas a partir de uma realidade mediada semioticamente (FIORIN, 2008). Assim sendo, ao chegar ao destinatário, o enunciado possui ideologias e significados estabelecidos a partir da interação com outros discursos (MIKHAIL BAKHTIN 2003; [VOLOCHÍNOV] 2006).

Vale ainda ressaltar que o pensamento dialógico de Bakhtin é explicado por meio de três conceitos que se referem ao modo como o enunciador dialoga com outras vozes, que recursos utiliza para se posicionar com relação ao discurso do outro e assim firmar sua própria posição, e por tanto sua constituição no mundo.

O primeiro conceito diz respeito “ao modo de funcionamento real da linguagem: todos os enunciados constituem-se a partir de outros” (FIORIN, 2008, p. 30). É neste sentido que se tem a afirmação de que um enunciado sempre revela duas posições: a sua e aquela em oposição à qual se constrói (FIORIN, 2008, p. 24). Também se estabelece que “toda compreensão é prenhe de resposta” (BAKHTIN, 2003, p. 271), concluindo-se que no campo real da comunicação há a interação de diferentes vozes que

se articulam e estão ativas para constituir novos enunciados, que suscitam outros, em um constante devir, pois é só em razão de provocar uma resposta que ele existe e se delimita:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

O segundo conceito menciona o dialogismo composicional, referindo-se ao dialogismo observado diretamente no enunciado por meio da “incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes de outro (s) no enunciado” (FIORIN, 2008, p.32). Deste modo, Bakhtin fala de duas estratégias que o enunciador usa para inserir e demarcar as vozes em seu discurso. Essa inserção pode ser identificada pelo uso do discurso objetivado ou do discurso bivocal (FIORIN, 2006).

O discurso objetivado é referente à visível separação do discurso do citante com o do citado por meio do uso do discurso direto, discurso indireto, aspas e negação. Já no discurso bivocal, não há uma nítida separação de vozes, pois elas se misturam e se apresentam em discurso indireto-livre, paródia e polêmicas clara ou velada. Sobre a idéia de que o discurso de outrem é inserido em um enunciado, Bakhtin afirma:

um autor pode usar o discurso de um outro para os seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação significativa ao discurso que já tem sua própria orientação e a conserva. Neste caso, esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como o de um outro. Em um só discurso ocorrem duas orientações significativas, duas vozes (BAKHTIN, 1981, p. 164).

O terceiro conceito de dialogismo refere-se à afirmação de que “os enunciados construídos pelo sujeito são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas” (FIORIN, 2008, p.59). Isso quer dizer que o indivíduo se constrói por meio do dialogismo, pois à medida que ele interage com a posição de outrem também se posiciona quanto ao que foi dito. Assim, os discursos assumidos pelo enunciador em diferentes enunciados são resultados das interações com as diversas vozes e nelas a posição assumida pelo enunciador está em constante vir a ser, pois o sujeito é dialogizado em uma luta discursiva na comunicação histórica e real.

1.2. Descrição Metodológica

Foi utilizada neste trabalho a concepção dialógica da linguagem, tal como é proposta pelo estudioso russo Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006). Neste sentido, este estudo preocupou-se em verificar como a Amazônia é caracterizada pelo jornalista recifense Klester Cavalcanti no livro-reportagem “O nome da morte: a história real de Júlio Santana” (2006).

Entende-se aqui a teoria do dialogismo como a relação de sentidos entre os enunciados (FIORIN, 2008). Desta forma, parte-se da idéia de que toda orientação discursiva é sempre dialógica, ou seja, todo discurso é fruto da interação com outros discursos, uma vez que ao chegar ao destinatário o enunciado já possui uma série de ideologias e significados estabelecidos a partir da interação real e histórica com outros discursos (BAKHTIN, 1988). Isso quer dizer que não existe enunciado que não seja fruto de uma relação dialógica, pois todo e qualquer enunciado é construído por meio de outros, com os quais se relaciona, interage e define objeto e sujeito.

Neste sentido, a adoção da perspectiva dialógica da linguagem, como metodologia de análise do discurso, visa a identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica. Considerou-se que tais posições não são derivadas de um contato “primeiro” e direto com tal objeto, mas sim construídas em relação a outras caracterizações que vozes sociais distintas produzem acerca de uma Amazônia sempre revisitada, retomada, reinventada.

É por meio dessa visão que este trabalho analisa o livro-reportagem, que constitui o *corpus* da pesquisa, como um enunciado onde as vozes do autor, do biografado, de documentos, parentes de vítimas, moradores da região amazônica e pessoas que tiveram contato com a personagem principal dialogam, seja por meio de referências diretas ou indiretas. Assim, a Amazônia é tomada como uma realidade semiótica, uma vez que não se tem acesso direto a este objeto, pois ele se apresenta sempre mediado linguisticamente e, portanto, está sempre em processo de (re) construção por meio dos discursos que o caracterizam.

Deste modo, fez-se a identificação de como o autor insere a voz de outrem no enunciado, bem como da maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), indicativas de outros sujeitos e grupos sociais – correspondentes, por sua vez, a

diferentes posicionamentos ideológicos revelados nas apreciações e juízos de valor acerca do mesmo objeto.

Foi utilizado este procedimento em quatro etapas de pesquisa, cada uma das quais é dedicada ao enfrentamento de uma questão particular. Primeiramente, estudou-se a caracterização que o autor assume em relação à região amazônica em seus aspectos físico (seu clima, relevo, vegetação, fauna, hidrografia – enfim, sua “natureza”). Em seguida observou-se a maneira como o autor se refere ao homem amazônico e a suas relações com o ambiente natural. Posteriormente viu-se como são caracterizadas as relações humanas e sociais na região amazônica e, por fim, abordou-se o modo como a Amazônia é situada no espaço territorial brasileiro e no mundo.

2. Representações da Amazônia em “O nome da morte”

2.1. O autor e a natureza amazônica

À medida que Klester Cavalcanti narra as aventuras de Júlio Santana, também caracteriza a natureza amazônica em seus diversos aspectos: vegetativos, hidrográficos e climáticos.

O autor faz minuciosa e profunda descrição do ambiente no sentido de reconstruir os cenários onde acontecem as histórias que são narradas no livro. Cavalcanti diferencia essa região por meio do discurso, apresentando elementos que a tornam individual e em constante construção. Ele mostra que a natureza da Amazônia é selvagem, virgem, esplêndida e distante da urbanização, e desta forma também dialoga com outras visões, como a apresentada por Neide Gondim no livro “A invenção da Amazônia” (1994). A autora manifesta, por meio de relatos dos viajantes, a visão do estrangeiro sobre a região amazônica. Ela conjuga idéias de que a região é vista como o “Eldorado”, a “Fonte de Juventude”, o “Paraíso Perdido” com a visão de que o local também é um “Inferno Verde”. Viana Moog (1936) em “O ciclo do ouro negro”, também compartilha desta visão declarando que a Amazônia representa o próprio conceito de contradição, uma vez que se constitui uma terra onde ao mesmo tempo em que há fartura de alimentos, há fome. Ela ainda afirma que a região não é um lugar onde as coisas são exatas, ressaltando que a Amazônia derruba o termo “*to be or not to be*” (Ser ou não ser), pois ao mesmo tempo que é inferno também é paraíso.

Klester Cavalcanti compartilha da mesma visão de Gondim (1994) e Viana Moog (1936) ao descrever a região amazônica como um lugar belo e ao mesmo tempo abandonado pelo urbanismo. Isso pode ser observado no seguinte trecho, em que há afirmação de que a Amazônia é um lugar em que os “povoados até hoje não possuem energia elétrica, água encanada, esgoto, escolas, postos de saúde” (CAVALCANTI, 2006, p. 19). Nesse trecho, percebe-se que o autor quer atribuir à Amazônia o sentido de que é um lugar abandonado, onde a urbanização ainda não chegou e que, portanto, não apresenta muitas modificações feitas pelo homem. No entanto, a essa visão está ligada também a noção de que a região amazônica é um lugar de matas virgens, onde tudo é belo e exuberante. Isso pode ser percebido quando ele declara que a região é “um universo naturalmente belíssimo, habitado por animais fascinantes e forrado de árvores centenárias e rios que pareciam não ter fim” (CAVALCANTI, 2006, p. 19).

Com essas características, Klester Cavalcanti constrói a natureza da Amazônia sempre firmando a dicotomia “Paraíso Perdido” *versus* “Inferno verde”. É o que se pode perceber nos próximos trechos em que o jornalista conta sobre o dia em que, aos dezessete anos, Júlio Santana cumpre o primeiro serviço como matador, em 1988, no Maranhão.

À medida que é narrada a sensação de felicidade e tensão que Júlio Santana sentiu por causa da demora em encontrar sua primeira vítima, também mostram-se aspectos singulares da vegetação amazônica. Cavalcanti conta que Júlio estava sentado no chão e “olhando para a copa das árvores, viu um macaco-aranha pendurado num galho. Sentia-se tão livre e feliz quanto aquele bicho” (CAVALCANTI, 2006, p. 40). Assim, o autor já afirma que os bichos não estão em jaulas, mas sim livres e visíveis aos olhos de todos que ali moram.

Cavalcanti também cita aspectos da vegetação que margeia o rio ao descrever a cena em que Júlio estava “sentado na mata, com a espingarda entre as pernas, via a sombra das árvores caminhar sobre as águas barrentas do Rio Tocantins. Até que as sombras se esconderam embaixo das próprias árvores. Era meio-dia” (CAVALCANTI, 2006, p. 41). Nesse trecho, além de identificar a vegetação ao redor do rio, também indica a relação que o tempo tem com a geografia amazônica, na qual Júlio, assim como outros caboclos, sabe identificar a hora por meio da posição sol.

No próximo trecho, percebe-se que ao mostrar a aflição de Júlio Santana, prestes a cometer o assassinato, Cavalcanti continua a falar da vegetação amazônica e da condição climática da região:

O calor era intenso. Mas Júlio sentia um frio estranho e um embrulho no estômago. Encolhido entre as árvores seculares, algumas com mais de 40 metros de altura, ele mantinha o pescador sob a mira de sua espingarda (CAVALCANTI, 2006, p. 21).

Ao falar dos animais o autor ressalta mais a existência de animais selvagens como macacos, preguiças e onças. No seguinte trecho, Klester Cavalcanti destaca o urro do macaco guariba, fala sobre seu tamanho e descreve o seu berro como um som causador de terror: “No meio da selva, ouviu a gritaria assustadora dos macacos guariba, que, apesar da pouca estatura – um animal adulto não ultrapassa os 80 centímetros de altura, emitem um urro aterrador” (CAVALCANTI, 2006, p. 39).

Ao ser narrada a saída de Júlio para caçar, o autor fala um pouco dos hábitos dos animais que se recolhem logo no fim da tarde: “naquele horário, muitos bichos já estavam na maloca ou no topo das árvores, onde dormiriam. Viu uma preguiça agarrada a um galho, e até pensou em abatê-la” (CAVALCANTI, 2006, p.98). No decorrer da narração da caçada, Cavalcanti continua mostrando as ações de Júlio e fala que um elemento diferente no cotidiano da natureza pode desequilibrar o ambiente, como por exemplo, provocar o comportamento incomum nos animais. É isso que Cavalcanti mostra no discurso presente no seguinte trecho em que Júlio:

continuou a esquadrihar a selva com olhos, até notar um macaco-aranha de uns 60 centímetros deitado num galho, a 15 metros de altura. O tiro foi certo, na cabeça do animal. O disparo **quebrou o silêncio da mata** e provocou uma revoada de araras (CAVALCANTI, 2006, p. 98 grifo meu).

No próximo trecho o jornalista monta um cenário onde Júlio Santana e Cícero Santana conversam tomando banho no rio. Ele descreve a natureza do lugar e o chama de “coração da selva”, como mostra o recorte:

Pegaram um braço do Tocantins e, vinte minutos depois, pararam a voadeira numa praia de uns 100 metros de extensão, no **coração da selva**. Tiraram a roupa e entraram na água morna. Conseguiram ouvir a algaravia da bicharada dentro da selva. Tucanos e araras não paravam de gritar. Ouviram até o esturrar de uma onça. Acostumados com a vida na Amazônia, sabiam que não precisavam se preocupar com a fera. Uma onça jamais entraria no rio para atacar uma pessoa. Muito menos na Floresta Amazônica, onde um predador daquele porte não teria dificuldades para encontrar alimento (CAVALCANTI, 2006, p.25 grifo meu).

Nesse recorte é possível perceber o autor narrando que na Amazônia há muitos bichos, como tucanos e araras. Ele também tece comentário sobre o hábito da onça, dizendo que ela não iria atacar, uma vez que onça não costuma entrar na água e os bichos não têm necessidade de atacar as pessoas, pois na “Floresta Amazônica” o alimento é farto.

Outro elemento que ganha destaque na história é a caracterização da hidrografia da Amazônia. No seguinte trecho, Cavalcanti compara o reflexo da lua no rio com amanhecer do dia, narrando-a de uma forma romântica: “Naquela noite, a lua cheia deixava a floresta totalmente iluminada. A luz da lua refletia no rio Tocantins, dando a impressão de estar amanhecendo” (CAVALCANTI, 2006, p. 23).

No próximo recorte, o autor também apresenta as características do rio onde Júlio Santana viajou pela floresta de Tocantins. Klester Cavalcanti descreve a viagem e apresenta a visão de Júlio Santana:

Quando a voadeira deu partida, as primeiras luzes do dia já iluminavam as águas barrentas do Araguaia. O destino seria algum ponto nas proximidades do Rio Gameleira. A floresta era muito parecida com aquela que cobria o interior do Maranhão, onde Júlio crescera, com árvores que se espichavam a 50 metros de altura e diversos braços de rio entrando na selva. Os olhos aguçados do rapaz notaram que a fauna também era a mesma. Conseguiu enxergar preguiças, macacos, garças, ciganas e grande profusão de jacarés descansando à margem do rio (CAVALCANTI, 2006, p.68).

Por meio da voz de Júlio Santana, o autor afirma que o meio ambiente é muito parecido ao de Porto Franco. Para tanto, dá destaque à vegetação, à hidrografia e à fauna, enumerando elementos que mostram a similaridade entre os dois locais que de acordo com a narrativa aparecem caracterizados por grandes árvores seculares e bichos de caça.

No próximo trecho, são apresentadas as características do Rio Tocantins. O autor descreve-o como rio de água barrenta e de grande profundidade, como mostra o fragmento que narra Júlio Santana jogando no rio o caderno em que anotava os serviços que realizou como matador profissional e a arma que usava: Júlio “jogou a mochila no Tocantins e esperou até vê-la desaparecer nas águas barrentas. Sabia que, naquele ponto do rio, a profundidade não era inferior a 10 metros” (CAVALCANTI, 2006, p. 214).

No seguinte trecho Cavalcanti narra a volta de Júlio Santana para a casa em Porto Franco (MA). Ele havia ficado quase três meses longe do local. No recorte, narra-se que o transporte fluvial é muito usado na Amazônia, além de destacar que o tempo e o espaço são elementos que individualizam a região, por fazerem com que as viagens sejam mais longas, tanto por terem que navegar de barco, quanto pela ausência de estradas e automóveis, assim, o autor passa a ainda a noção de que o tempo muda devagar: “Atravessaram o rio a bordo de uma canoa que fazia o transporte de passageiros de um lado para outro. Caminharam mais uma hora mata adentro, até chegarem à casa de seu Jorge e dona Marina” (CAVALCANTI, 2006, p. 146).

Ao caracterizar a natureza amazônica também é feita a apresentação das questões climáticas. Cavalcanti fala sobre as chuvas e o calor que fazem com que o clima da região seja quente e úmido, como mostra o seguinte trecho: “Uma chuva torrencial despencava sobre a floresta. Era tanta água que ninguém ousava sair de casa.

O telhado, feito de madeira e palha, não conseguia suportar a chuvarada que começava na noite anterior” (CAVALCANTI, 2006, p. 47).

Ainda narrando a chuva que caía em Porto Franco, Cavalcanti conta que Júlio estava ansioso para sair de casa porque queria encontrar-se com a namorada: “O trajeto da casa de Júlio até a vila onde Ritinha morava era feito pelo Rio Tocantins. Em dias normais, aquelas águas estariam calmas. Mas a chuva intensa agitara o rio e aumentara a força da correnteza” (CAVALCANTI, 2006, p. 49). É assim que o autor mostra como a chuva influencia o estado do rio, tornando-o perigoso. Também é possível confirmar esta situação por meio do discurso direto, que mostra a preocupação do pai de Júlio ao ver o filho sair para remar na chuva: “- Vai remar nessa chuva, rapaz? – questionou seu Jorge, com a voz grave e rouca que lhe era peculiar” (CAVALCANTI, 2006, p. 49).

Mais do que à chuva, Klester Cavalcanti dá destaque ao calor da região, dizendo que a temperatura é cruel ao afirmar, por exemplo, que “a floresta brilhava sob o sol inclemente” (CAVALCANTI, 2006, p.31); “Para aplacar o calor adurente, Cícero e Júlio saíram para dar um passeio de voadeira” (CAVALCANTI, 2006, p. 25). O clima de Xambioá (TO), onde Júlio foi o guia dos homens do Exército que “caçavam comunistas” no período da Guerrilha do Araguaia, também é caracterizado como lugar onde a temperatura é alta. Cavalcanti afirma, por meio da voz de Júlio Santana que “o calor era intenso. A poeira densa e avermelhada que os jipes e os caminhões do Exército levantavam num incessante vai-e-vem deixava os olhos de Júlio irritados” (CAVALCANTI, 2006, p.64). Desta forma o autor fala como o calor e o clima seco afetam nas condições da estrada, fazendo a poeira levantar com o fluxo dos veículos.

No capítulo que narra a viagem de Júlio Santana e o tio para o garimpo em Serra Pelada (PA), para ali executarem serviços como matadores, também são apresentadas as características da estrada que, por causa da geografia e do calor, não eram diferentes das de Tocantins e Maranhão:

de Imperatriz, seguiram de caminhão até Marabá, no sudeste do Pará. Foram 170 quilômetros em estradas esburacadas, quase metade deles em pista de terra batida. O tempo seco fazia o tráfego de caminhões e ônibus, lotados de gente a caminho do eldorado paraense, levantar uma poeira fina e avermelhada (CAVALCANTI, 2006, p. 176).

Ao narrar as aventuras de Júlio no garimpo em 1982, Cavalcanti também apresenta medidas, formas e comparações de como é um garimpo, na tentativa de montar um cenário para a história, como no seguinte trecho:

chegaram a uma imensa cratera, cuja largura era bem maior do que dois campos de futebol e de uns 100 metros de profundidade. Daquele buraco que parecia não ter fim, subiam milhares de homens cobertos de uma lama cinza e pegajosa, carregando sacos de estopa nas costas. O sobe-e-desce era interminável (CAVALCANTI, 2006, p. 181).

Nesse capítulo, o autor também fala da hidrografia e mostra um cenário onde Serra Pelada é o eldorado garimpo: pois “a recente descoberta do minério havia transformado a região numa **espécie de eldorado**, com cerca de 20 mil homens escavando a Serra dos Carajás à procura de pedras douradas” (CAVALCANTI, 2006, p.174 grifo meu). Mas o jornalista também caracteriza a região como um lugar esquecido e sem condições básicas de vida para o ser humano: “Não havia água encanada nas casas. Todos se banhavam juntos, em grupos de vinte e até de trinta homens, em canos que saíam de um poço artesiano (CAVALCANTI, 2006, p. 183).

No local era proibido consumo de bebida alcoólica. Assim Cavalcanti mostra a voz de Júlio em seu discurso usando uma metáfora para descrever o clima, comparando o garimpo com o inferno, ao afirmar que “gostou de tomar seu refrigerante preferido naquele calor dos infernos” (CAVALCANTI, 2006, p. 184).

Nos trechos que o jornalista fala do garimpo de Serra Pelada, ele faz referência ao local como o “eldorado paraense”, mas também lembra que por causa da explosão demográfica a região estava ficando geograficamente desorganizada, perigosa e não oferecia condições básicas para um ser humano viver, apesar de começarem a aparecer os primeiros sinais de urbanização, pois naquele povoado já existia luz elétrica, caixas eletrônicas e um cinema improvisado.

Ao narrar o episódio em que Júlio Santana participou como guia na caçada aos comunistas, Klester Cavalcanti diz: “durante os sete dias que passaram desbravando a selva, encontraram cerca de 10 casas” (CAVALCANTI, 2006, p. 69). Isso demonstra que as casas estão localizadas geograficamente de modo que ficam muito distantes uma das outras e que há pouco povoamento no local. Também é possível perceber que algumas casas da região estão dispostas no beiradão dos rios e outras no centro de florestas, como é descrito a seguir: “Já começava a escurecer quando notou uma clareira de cerca de 20 metros quadrados aberta no meio da selva, com um barraco feito de madeira e palha no centro” (CAVALCANTI, 2006, p. 87).

No mesmo capítulo o jornalista diz que a comitiva do exército que era guiada por Júlio já passara “dias inteiros caminhando nas matas fechadas do Araguaia, debaixo do calor insuportável e sob ataques constantes de inseto” (CAVALCANTI, 2006, p.79).

Assim, Cavalcanti volta a frisar o calor da região e a vegetação, acrescentando a existência de insetos, pois até então ele só havia falado de animais selvagens, e também destaca a necessidade de fazer longas caminhadas por lugares desconfortáveis.

Cavalcanti sempre apresenta a natureza amazônica como um lugar composto por características vegetativas, hidrográficas e climáticas únicas, passando a noção de que o ambiente é belo, como pode ser percebido por meio do seguinte trecho onde Júlio diz que, após a viagem de helicóptero, “ao ouvir Ricardo e Emanuel comentando como a floresta era linda vista do alto, lamentou não ter tido coragem de abrir os olhos durante a viagem” (CAVALCANTI, 2006, p. 106). No entanto o repórter também frisa a noção de que o ambiente amazônico parece ser intocável, formado por florestas virgens, onde a tecnologia das máquinas ainda não chegou e o tempo e espaço se relacionam e influenciam a vida dos moradores do lugar. Tal influência faz com que a vida ali passe devagar e as mudanças demorem a chegar, como mostra o seguinte trecho, que fala da felicidade de Júlio ao voltar para a vila onde nasceu após ter ficado quase três meses em Tocantins ao perceber que não havia mudança na vila, Júlio: “estava contente em ver que nada havia mudado em Porto Franco. A floresta, o rio e os povoados da região continuavam do mesmo jeito” (CAVALCANTI, 2006, p.148).

2.2. O amazônida e a natureza amazônica

Ao frisar sua posição com relação à natureza amazônica, o autor também mostra a relação de outras personagens com esse ambiente. São pessoas que nasceram, moraram, trabalharam na região e fazem parte da narrativa de “O nome da morte”, em especial Júlio Santana, interlocutor mais próximo de Cavalcanti.

Neste sentido, é possível perceber a existência de dois pólos que caracterizam as relações entre o homem amazônida e o meio ambiente. De um lado há a familiaridade, onde o homem aparece integrado à região como se fosse também um elemento na sua constituição.

Por outro lado, percebe-se a presença de um homem distante da natureza, ou seja, um homem que se relaciona com os elementos naturais com estranhamento.

Quanto ao primeiro pólo, pode-se perceber sua veracidade no seguinte trecho, que narra o momento em que os soldados do exército, guiados por Júlio Santana,

encontram pegadas, supostamente de comunistas, nas matas do entorno do Rio Gameleira, em Xambioá (TO): “Pelo tamanho das marcas e espaçamento entre uma pegada e outra, Júlio deduziu que tinham sido deixadas por um homem de cerca de 1,80 de altura” (CAVALCANTI, 2006, p.86). Nesse trecho percebe-se que Júlio Santana sabe identificar a altura e gênero de uma pessoa analisando apenas as pegadas.

No próximo trecho, identifica-se um hábito que caracteriza o homem que nasceu e cresceu na região amazônica: “O fato de o indivíduo estar usando sapatos chamou a atenção do delegado. ‘O povo aqui da região costuma andar no mato descalço mesmo’, ele disse” (CAVALCANTI, 2006, p.86). As palavras do delegado que comandava as andanças nas matas de Tocantins ressalta a idéia de que as pessoas acostumadas à região tem traços que as identificam. Ele quer dizer que não é característico do povoado fazer uso de sapatos ou botas para andar nas matas. Neste sentido, o ser humano que não está acostumado a caminhar sem calçado nessa região não deve pertencer a esse meio, e, portanto, o delegado concluíra que as pegadas encontradas só podiam ser de alguém que não era da região, e na visão dele, era comunista. Essa idéia é confirmada também com a declaração de que Júlio não usava sapato diariamente só por uma questão cultural, mas também econômica:

No caminho da pensão até a beira do rio, não tirou os olhos do coturno preto do motorista. Queria muito calçar botas como aquelas. O único par de sapatos que tinha – um tênis Conga, azul marinho, que ganhara ao completar 16 anos – ainda estava praticamente novo. Só calçava o tênis para ir à missa, aos domingos (CAVALCANTI, 2006, p. 67).

Nota-se a seguir que as ações de Júlio Santana mostram-no como homem totalmente integrado à natureza amazônica, tornado-se um conhecedor da região:

Em determinados pontos, a floresta densa e as folhas secas que forravam o chão dificultavam o trabalho do rapaz. Nessas circunstâncias, ele usava como referência para a perseguição galhos quebrados ou torcidos, indicadores de que alguém passara ali. Logo mais à frente, voltava a identificar as pegadas do homem a quem queriam encontrar (CAVALCANTI, 2006, p.83).

Devido a essa integração, Júlio conhece profundamente o habitat em que vive e por isso prevê os perigos na mata e sabe como se proteger:

O rapaz corria como aprendera a fazer desde pequeno, nas selvas de Porto Franco. Olhava para a frente e mapeava a disposição das árvores nos dez metros seguintes. Logo depois, dirigia o olhar para o solo, à procura de pegadas e de raízes maiores, que poderiam derrubá-lo (CAVALCANTI, 2006, p.86).

É também por meio de rastros feitos na floresta que Júlio identifica o tamanho e gênero de uma pessoa, a direção que se deve seguir e como se postar na mata. Ele se mostra tão próximo da natureza que sabia contar as horas por meio da luz solar:

Pela posição do sol e das sombras das árvores no rio, ele calculou ser umas cinco horas da tarde. Lembrou que o tio tinha um relógio preso ao braço esquerdo, e perguntou-lhe a hora. Eram 16h40. Havia errado por apenas 20 minutos. Ficou orgulhoso de si. Era bom estar de volta ao seu universo (CAVALCANTI, 2006, p. 146).

É como seres que fazem da Amazônia um mundo próprio que o autor caracteriza as pessoas que nasceram na região. Isso é dito por meio do discurso indireto no trecho acima onde afirma que ao voltar a Porto Franco Júlio se sentia em seu universo, no seu mundo.

No entanto, essa postura de conexão à Amazônia não é a única tomada pelos que vivem na região. No próximo recorte é possível perceber, por meio do discurso de Júlio, como os migrantes tratam a natureza amazônica: “ele avistou um alvoroço desgraçado. Era gente para todo lado. Nem em Imperatriz nem em Xambioá tinha visto tamanha **balbúrdia**” (CAVALCANTI, 2006, p.178 grifo meu). Percebe-se pelo discurso de Júlio que ele não estava acostumado com toda a movimentação, identificando-se assim que o amazônida se sente desconexo aos lugares que são tratados com indiferença e exploração por pessoas não nativas da região, como é percebido neste discurso indireto: “Júlio ainda olhava, abismado, para aquele **pandemônio**” (CAVALCANTI, 2006, p.178 grifo meu). Como se vê, é por meio dos termos “pandemônio” e “balburdia” que Júlio caracteriza com estranhamento o garimpo de Serra Pelada, referenciando-o como lugar onde as pessoas e as coisas estão misturadas de forma desordenada (HOUAISS, 2004).

Na época, 1972, cerca de 80 mil homens estavam naquela região. É certo que Júlio Santana não estava acostumado com aquela realidade, pois afirmava que “daria tudo para estar em sua casa, na placidez da selva amazônica, às margens do Rio Tocantins. Aquele, sim, era o seu lugar” (CAVALCANTI, 2006, p.71).

À medida que são estabelecidas as relações entre o homem e a natureza amazônica, também se nota como é construída a relação cidade *versus* natureza. Toma-se conhecimento do lugar que a cidade ocupa dentro da região amazônica e como esta posição influencia a vida do amazônida:

Em pouco mais de duas horas de viagem, serpenteando pelo Rio Tocantins, chegaram a Imperatriz, onde passariam a noite na casa de Cícero. Júlio ficou fascinado ao ver um carro de verdade. Até aquele dia, só tinha visto automóveis nas fotos das revistas que ganhava do tio. Mas o barulho dos carros o incomodava. Assim como a multidão da cidade – à época, Imperatriz tinha cerca de 15 mil habitantes. Ele nunca imaginara que poderia haver tanta gente num mesmo local (CAVALCANTI, 2006, p.61).

No próximo trecho, mostra-se que o estabelecimento de escolas na região é influenciado diretamente pelo ambiente amazônico descrito por Cavalcanti:

Pedro e Paulo tinham ido, na canoa a remo, para a escola pública da comunidade: uma casa de madeira, erguida numa vila, a 30 minutos de barco da casa da família. Na escola, ensinava-se até a 4ª série, que Júlio concluía aos 14 anos (CAVALCANTI, 2006, p.28).

Percebe-se que o sistema educacional na comunidade onde morava não é oferecido de forma completa. Também nota-se que ao contrário da maioria das cidades, nas quais os caminhos são estradas, na vila de Porto Franco o caminho é o rio. Isso revela que adultos e crianças convivem com a idéia de não possuírem escolas na vila onde moram e terem que navegar por alguns minutos em uma canoa ou barco para terem acesso ao ensino regular público.

No recorte anterior também nota-se que Júlio Santana aponta sua posição com relação as diferenças que percebe de um lugar urbanizado para a vila de Porto Franco, onde morava. Por meio da voz de Júlio, Cavalcanti apresenta a visão paradoxal de que assim como a Amazônia é bela por seus rios e matas, também é um local onde a própria organização urbana ainda não chegou, e isso influencia diretamente o conhecimento de mundo de seus moradores, levando-os, por exemplo, a não conhecerem carros, helicópteros e luz elétrica, como mostra o seguinte diálogo:

Não entendia o que era aquela bola de vidro, pouco menor que uma maçã, pendurada no teto. Só aprenderia ao anoitecer.

- E acende assim, tio, sem nada? Não precisa de querosene? – perguntou o rapaz cuja casa era iluminada por dois lampiões.

- Julão – disse Cícero, aos risos -, isso acende com energia elétrica. Aqui, na cidade, tem um gerador de energia, movido a diesel. É essa energia que faz funcionar as coisas como geladeira e lâmpada. Entendeu?

- Não, nadinha (CAVALCANTI, 2006, p.63).

O seguinte trecho também mostra a surpresa de Júlio Santana ao ver um helicóptero, principalmente por não entender como algo poderia voar sem asas, como era acostumado a ver os pássaros voando: “Caminhando na rua, viu algo de que jamais esqueceria. Parecia um enorme mostro de ferro, com formato semelhante ao de uma

libélula. O mais incrível era que não tinha asas. ‘Como essa trepeça pode voar?’, pensou” (CAVALCANTI, 2006, p. 72). O trecho a seguir também mostra a sensação de felicidade e incômodo que Júlio sente ao ver carros na movimentação da cidade grande: “Júlio ficou fascinado ao ver um carro de verdade. Até aquele dia, só tinha visto automóveis nas fotos das revistas que ganhava do tio. Mas o barulho dos carros o incomodava” (CAVALCANTI, 2006, p.62).

Cavalcanti também mostra a evolução que a vila de Porto Franco teve em cerca de 32 anos, período em que Júlio trabalhou como matador de aluguel na região. Em discurso indireto, Cavalcanti conta que Júlio “não vive mais numa vila ribeirinha, como na infância. Agora, sua casa ficava no centro urbano de Porto Franco [...] A maioria das ruas ainda era de terra batida. Mas as principais já haviam sido asfaltadas” (CAVALCANTI, 2006, p.199). Portanto, o autor apresenta algumas modificações que ocorreram na vila em que Júlio morava, mas dá a idéia de que tal mudança foi lenta, pois Júlio está ficando idoso e só então percebe que estão acontecendo mudanças no lugar.

À medida que a natureza influencia a vida das pessoas da região amazônica, também molda diferentes tipos humanos. De um lado há pessoas que parecem mais integradas à região. Por outro lado há aquelas que querem apenas explorar as riquezas da Amazônia, como mostra o seguinte trecho sobre a relação que os militares têm com a natureza, uma vez que estavam ali em busca de comunistas: “Os soldados matavam animais das famílias – cavalos, bois, galinhas -, espancavam a quem bem entendiam e chegavam a até a queimar lavouras e casas de agricultores (CAVALCANTI, 2006, p.130).

Nesse trecho nota-se que os militares não poupavam violência ao homem e à natureza, para eles o que interessava era capturar guerrilheiros, mesmo que para isso fosse preciso destruir a floresta. Percebe-se também que algumas pessoas sobrevivem da agricultura e criação de animais, assim como se vê no seguinte trecho: “Já tinham conversado com diversos moradores da região – a maioria de lavradores – e até subornado alguns com remédios e roupas” (CAVALCANTI, 2006, p.79). Identifica-se também a presença do homem que pratica pescaria como forma de sustento: “Seu Jorge havia saído para pescar algo para o almoço” (CAVALCANTI, 2006, p.28); “Se o senhor quiser, eu posso ir pescar, delegado. Sou muito bom em pescaria. – disse Júlio” (CAVALCANTI, 2006, p. 104).

Ainda para mostrar o interesse dos amazônidas pela preservação da natureza, o seguinte trecho mostra que de algumas tarefas dadas pelo Exército, relacionadas à derrubada de árvores, Júlio não gostava: “entre as tarefas que recebia, a que mais o incomodava era derrubar árvores para ampliar a área de acampamento dos militares e para abrir uma pista de pouso para os aviões da FAB” (CAVALCANTI, 2006, p.110).

Nota-se também a existência de homens que trabalhavam como garimpeiros em Serra Pelada. São pessoas vindas de vários estados do país, mas cuja relação deles com a natureza é apenas a de interesse em extrair as riquezas minerais e enriquecerem.

À medida que se lavavam, uma lama espessa espalhava pelo chão. Os rostos e os corpos dos garimpeiros iam aparecendo, como que se livrando daquela capa de imundície. Júlio não conseguia entender como aqueles homens podiam parecer estar tão felizes. Enquanto tomavam banho, cantavam, assobiavam, sorriam uns para os outros. Devia ser pela esperança de um dia bamburrarem (CAVALCANTI, 2006, p.183).

O seguinte recorte mostra que o homem amazônico tem a caça como um dos principais meios de obter alimento e que, portanto, matar os animais para comer faz parte do cotidiano da região e não prejudica a natureza:

Mire no coração e imagine que você vai atirar num animal, numa caça. Mas atirar num homem causava incomoda estranheza ao rapaz. Não era como matar pacas, queixadas, macacos e veados, como Júlio estava acostumado a fazer para ter comida em casa (CAVALCANTI, 2006, p. 21-22).

Além de a caça ser uma forma de obter alimento, também era um modo de treinar a pontaria para atirar cada vez melhor e assim se sentir orgulhoso: “Depois de quatro horas de caçada, voltava para casa trazendo, nos ombros, um jovem veado. (...) O rapaz estava orgulhoso. Tinha matado o bicho com um único tiro, certo na frente” (CAVALCANTI, 2006, p.22).

Essa relação de orgulho por caçar bem pode ser identificada mais claramente no próximo recorte onde Júlio recebe parabéns pela pontaria:

- Tio vem ver o bicho que eu peguei. É um veado novinho. Matei com um balaço na cabeça, como o senhor me ensinou. Deve ter uma carne deliciosa. – disse Júlio.
- Muito bem, rapaz. – respondeu Cícero, sorrindo para o irmão, seu João. Vamos ver esse bicho. - ele disse, abraçando o sobrinho (CAVALCANTI, 2006, p.22).

A caça é muito apreciada na região amazônica, por isso durante toda a história contada no livro tem-se a presença da narração de caçadas, onde o homem da região já

sabe qual é o melhor e o pior animal para matar, principalmente por conta do gosto da carne: “matou um macaco, uma garça, e, no ultimo dia da operação uma onça-pintada. A carne musculosa e repleta de nervos não agradou ninguém. Mas era a única coisa que tinham para comer” (CAVALCANTI, 2006, p. 69).

Apesar de a caça ser muito apreciada na região, nota-se o cuidado que se tem com os animais para que não se mate um animal com filhotes, mostrando assim a consciência em preservar tal animal ou pelo menos piedade:

naquele horário, muitos bichos já estavam na maloca ou no topo das árvores, onde dormiriam. Viu uma preguiça agarrada a um galho, e até pensou em abatê-la. [...] desistiu da idéia ao chegar mais perto e perceber que o bicho tinha um filhote agarrado nas costas (CAVALCANTI, 2006, p.98).

Além da caça, a pescaria também é muito mencionada: “Dona Marina tratava o veado que Júlio caçara na noite interior. Seu Jorge havia saído para pescar algo para o almoço” (CAVALCANTI, 2006, p.28). Também é visto a constante prática da pesca no trecho em que Júlio Santana exalta sua qualidade como pescador: “- Se o senhor quiser, eu posso ir pescar, delegado. Sou muito bom em pescaria. – disse Júlio” (CAVALCANTI, 2006, p.104).

Com tanta familiaridade com a pescaria, Júlio nem precisava de materiais de pesca industrializados, fabricava o material: “Tonho saiu para buscar gravetos para fogueira e Júlio pegou o facão para preparar um galho de árvore que lhe serviria de arpão na pescaria (CAVALCANTI, 2006, p.104).

Percebe-se também que o clima influencia no dia-a-dia da Amazônia, principalmente na forma de obter alimento, pois tanto a caça quanto a pesca podem ser atrapalhadas pela chuva, como mostra o trecho: “Devido a chuva, nem seu Jorge nem Júlio tinham saído para pescar. Sem peixe em casa, a família comeu arroz com ovo, ouvindo as pancadas do aguaceiro no telhado” (CAVALCANTI, 2006, p.47-48). O autor declara também que o amazônida tem uma relação de admiração com a chuva, pois a descreve como bela e rítmica, ao dizer que Júlio ouvia “a melodia da chuvarada sobre o rio e as árvores. Era um som constante, invariável. Irritante. Lindo” (CAVALCANTI, 2006, p.48).

Na narrativa existe uma relação de encantamento com os animais, tanto da parte de Cavalcanti quanto da parte das personagens, como é observado no seguinte trecho:

a floresta brilhava sob o sol inclemente. Seus olhos acurados e acostumados a longas caçadas na selva enxergaram uma preguiça agarrada a uma árvore. O pêlo cinza do animal se destacava no meio da vegetação esverdeada. Chegou a sentir inveja da vida tranqüila que o bicho parecia levar. [...] tentava imaginar como seria bom viver como um animal selvagem (CAVALCANTI, 2006, p.31-32).

A relação de proximidade do homem com a natureza parece tão estreita que em alguns momentos o próprio Júlio idealiza a vida animal: “- Está bem, tio. – o garoto respondeu, sem encarar Cícero. E voltou a dirigir os olhos para a preguiça, que continuava tranqüila e incólume, em sua árvore. ‘Deve ser bom nascer bicho’, pensou” (CAVALCANTI, 2006, p.36).

A relação de encantamento das crianças com os animais da Amazônia também é mostrada no seguinte trecho: “como praticamente todas as crianças da região, Lúcia adorava aqueles animais [botos cor-de-rosa]. Já tinha visto vários grupos dessa espécie. Mas sempre era muito divertido ver aqueles bichos tão lindos passeando pelo rio” (CAVALCANTI, 2006, p.34). Mas há situações em que os amazônidas revelam medo dos animais, como mostra o trecho sobre uma menina que foi estuprada por um pescador: “ele me disse que se eu não deixasse ou se eu gritasse, ele me deixaria amarrada no meio da selva, para os bichos me comerem”, contou a garota (CAVALCANTI, 2006, p. 35).

A vida do amazônida é contada de modo a ressaltar a influência dos aspectos naturais da região. A própria noção de tempo e espaço se mostra diferente da que é vivida nas grandes cidades, como se vê no seguinte trecho sobre Júlio: “aos 11 anos, o garoto já conseguia acertar um animal ‘do outro lado do rio’, a uma distância de cerca de 100 metros” (CAVALCANTI, 2006, p 23). Esta noção “do outro lado do rio” é característica do lugar, pois visa a frisar uma noção de distância típica na região.

No seguinte trecho é mostrada a relação de familiaridade que Júlio tem com a vegetação e o rio da vila onde mora: “Saiu driblando as árvores e saltando sobre as raízes que forravam o caminho. A areia quente aqueceu a sola dos seus pés, pouco antes de ele entrar no rio, espalhando água para todos os lados, numa correria estabanada” (CAVALCANTI, 2006, p.40).

Também é neste sentido que se entende como se constrói a relação geográfica no cotidiano do homem no período do ciclo da cheia e vazante dos rios da região:

Seus olhos aguçados enxergaram a casa de Ritinha, que, como todas as outras do povoado, havia sido erguida a quase 100 metros da margem do rio – uma

garantia para os períodos de cheia, durante os quais os nível dos rios da Amazônia pode subir até 15 metros (CAVALCANTI, 2006, p. 50).

Nota-se que as lembranças afetivas de Júlio estão ligadas à natureza: a mata de Porto Franco foi o cenário para a amizade com o tio Cícero, o rio Tocantins foi o local onde Júlio teve a primeira relação sexual: “As muitas horas que passavam juntos percorrendo a selva, treinando tiro, caçando, pescando e nadando pelas águas barrentas do Rio Tocantins produziram uma amizade forte e admirada por todos” (CAVALCANTI, 2006, p.23).

Enfim, Júlio Santana se mostra tão próximo da natureza que por meio da condição rio sabe quanto tempo dura uma viagem, por meio da luz solar sabe as horas e por meio de rastros na floresta sabe identificar o tamanho e gênero de uma pessoa ou bicho, além de saber por qual direção deve seguir e como se postar na mata.

2.3 A relações humanas e sociais na Amazônia

Ao narrar os acontecimentos em “O nome da morte”, Klester Cavalcanti discorre sobre como as pessoas se relacionam na Amazônia. Indica como são estabelecidas as relações sociais e humanas na região, mostrando os valores priorizados pelos moradores, sejam eles nativos do lugar ou não. Tais valores são expressos nas posições assumidas no discurso das personagens, em especial por Júlio Santana, que por meio da interação social constituem dialogicamente os enunciados que revelam importantes traços constitutivos da sociedade ali existente.

A Amazônia Legal foi palco de um dos principais episódios históricos recentes do Brasil: a Guerrilha do Araguaia². No livro há vários trechos que falam desse evento, ocasião em que Júlio trabalhou como “guia” do Exército. Neles percebe-se que a violência é um dos principais itens usados na luta para alcançar o poder político, econômico e social, como mostra o trecho:

A violência era um dos mecanismos mais utilizados pelo Exército para forçar os moradores a denunciar a presença de guerrilheiros na região. Os soldados

² Um dos principais conflitos rurais do Brasil. Aconteceu no início da década de 1970 na divisa entre Pará, Maranhão e Tocantins. A guerrilha foi organizada por partidos opostos à ditadura militar com objetivo de enfrentar a ditadura e assumir o Estado.

matavam animais das famílias – cavalos, bois, galinhas –, espancavam a quem bem entendiam e chegavam até a queimar lavouras e casas de agricultores (CAVALCANTI, 2006, p. 130).

Como pode ser visto no trecho acima, os militares ameaçavam e torturavam para forçar os moradores a contarem onde os guerrilheiros estavam escondidos. Mas, apesar de toda a violência utilizada pelos militares, uma das formas de conseguir apoio na “caça aos comunistas”, além das ameaças, era manter uma relação de troca de favores com alguns moradores. Na maioria das vezes eles trocavam mantimentos por informação, como se percebe no discurso indireto a seguir, onde o autor do livro usa a voz do delegado para afirmar: “o delegado dizia que ajudar os comunistas era um crime gravíssimo e que quem colaborasse com o Exército seria muito bem recompensado, com dinheiro, armas, ferramentas e medicamentos” (CAVALCANTI, 2006, p.69).

Verifica-se ainda que nas relações sociais travadas na região, o poder econômico se sobrepõe aos valores ideológicos e aos direitos sociais, como mostra o próximo recorte: “Já tinham conversado com diversos moradores da região – a maioria de lavradores – e até **subornado** alguns com remédios e roupas” (CAVALCANTI, 2006, p.79, grifo meu).

Por meio desse recorte fica posto que existe uma relação de interesses por parte de moradores da região, uma vez que aceitam suborno de militares, apesar de também ajudarem os guerrilheiros, como é visto respectivamente no discurso indireto abaixo:

Os militares não sabiam, sequer, a localização das bases dos guerrilheiros. Além disso, os rebeldes haviam conquistado a simpatia e a amizade de muitos moradores da região, que os ajudavam, comprando mantimentos e munição na cidade e até mesmo escondendo muitos deles em suas casas, durante as buscas promovidas pelo Exército. Júlio achou estranho o fato de os tais comunistas, que, segundo seu tio, eram baderneiros e violentos, terem cativado os moradores locais (CAVALCANTI, 2006, p. 65).

É visível o poder que o Exército exercia na região amazônica, mas também é notável por meio dos discursos do livro a idéia de que a polícia, bandidos e os moradores que se favoreciam economicamente também se tornavam um elemento facilitador para que nada atrapalhasse a corrupção feita na região. Essa realidade pode ser vista nos trechos que mostram a constante corrupção em favorecimento do crime, revelando assim a Amazônia como uma região cheia de injustiça, pois ali as regras não valiam para todas as esferas sociais. É por meio da voz de Cícero, presente no seguinte discurso, que se fundamenta a idéia de que polícia e bandidos mantinham estreitas

relações positivas: “Por aquelas bandas, dizia o tio, a polícia não se metia com pistoleiro” (CAVALCANTI, 2006, p. 160).

Por volta de 1980, no período alto de exploração do ouro em Serra Pelada, a região recebeu cerca de 80 mil pessoas vindas de vários estados, como mostra o trecho: “na carroceria do caminhão, ele e Cícero se espremiavam entre uns quarenta homens [...]. Havia jovens, velhos, loiros, negros. Os sotaques se misturavam” (CAVALCANTI, 2006, p. 177). Com o êxodo, os problemas apareciam devido ao acúmulo de pessoas em poucos locais da região paraense. Com isso, a sociedade usou mais violência como forma de sanar os problemas. Essa situação é afirmada pelo autor por meio da fala de Cícero, que em discurso indireto diz: “Segundo Cícero, a ganância e a ambição de todos os homens estavam criando intrigas que só eram resolvidas à bala” (CAVALCANTI, 2006, p. 174). Nesse trecho, pode-se perceber que a “ganância” e “ambição” eram os valores priorizados pelos homens que estavam na Amazônia porque almejavam a riqueza que poderiam conseguir nessa terra.

Por ser um dos lugares de “disputas pelo ouro, Serra Pelada tinha mais policiais do que muitas cidades da região” (CAVALCANTI, 2006, p. 189). No entanto, percebe-se que a polícia ali estava constantemente aberta à corrupção, como é visto na narração do episódio em que Júlio e Cícero estavam com armas nas mochilas que levavam para o garimpo, mas passaram na revista policial por causa de um suborno feito por um empregado do mandante do serviço que os dois faziam no garimpo:

Ninguém entrava em Serra Pelada sem antes passar pela revista da polícia. O objetivo da operação era impedir a entrada de armas e bebidas alcoólicas no garimpo. [...] viu um homem muito magro e com o rosto coberto de rugas aproximar-se e cumprimentar, com um sorriso e um aperto de mão, o policial que revistava seu tio. No mesmo instante, Cícero foi liberado sem passar pela revista da polícia e sem precisar abrir sua mochila (CAVALCANTI, 2006, p. 178).

Na única vez que Júlio foi preso, também não houve provas por causa da corrupção existente no meio policial. Pela liberdade do matador, a esposa de Júlio trocou a moto do marido pelo Boletim de Ocorrência registrado na delegacia. Ela soube que o delegado aceitava suborno por meio do mandante do crime que Júlio acabara de cometer, pois: “Logo após a captura de Júlio, Luciano tinha ido até a casa dele e contado à sua mulher. Havia falado, entre outras coisas, que o delegado era conhecido por aceitar suborno para livrar criminosos da cadeia” (CAVALCANTI, 2006, p. 239).

Apesar dessa realidade de corrupção na profissão de policial, muitas famílias acreditavam que a carreira era uma das melhores opções de trabalho encontradas na região: “Seu Jorge e dona Marina, a princípio, não gostaram da idéia de ficar tanto tempo sem ver o filho. Mas Cícero conseguiu convencê-los [...]. Para a família, era o melhor emprego que um rapaz nascido no interior da selva poderia ter” (CAVALCANTI, 2006, p. 62).

Percebe-se que essa situação existe por causa da falta de esclarecimento da população que não tinha acesso a qualquer informação sobre os casos de violência ou suborno praticados pelos militares na região. O próprio Júlio Santana é colocado no epicentro da maior guerrilha que aconteceu recentemente no país conhecendo apenas a versão da história contada pelos militares. Na vila em que morava não havia rádio ou jornal. Ao indagar sobre o motivo de os militares quererem prender os comunistas e o que era esse movimento, obteve a resposta do tio Cícero: “- Comunistas são pessoas que não aceitam as leis do governo e querem bagunçar o Brasil. Por isso, o Exército tem de pegar esses sujeitos para evitar que o país vire uma baderna. (CAVALCANTI, 2006, p.61).

A própria farda de policial serviu como disfarce para Júlio Santana e o Tio Cícero que a usavam como modo de esconder a profissão de matador. “Certo dia, [Cícero] apareceu em Porto Franco vestido de soldado e dizendo que tinha entrado para a Polícia Militar. Era o orgulho da família” (CAVALCANTI, 2006, p.23).

A admiração e orgulho da profissão de policial podem ser explicados pelo fato de as pessoas que moram principalmente na região ribeirinha terem vontade de conseguir uma vida mais confortável, com bom emprego. Viam na polícia uma oportunidade de melhorar as condições econômicas sem precisar sair da região, que era carente de incentivos aos estudos. Ali era oferecido ensino somente até a 4ª série e a falta de oportunidades de trabalho faziam com que alguns moradores mudassem de cidade. Foi essa realidade que fez o irmão de Júlio sair de Porto Franco:

Júlio tinha, ainda, um irmão mais velho, Joaquim, 21, que havia deixado a casa dos pais aos 18 anos e viajado para São Luís, a capital maranhense, onde acreditava conseguir uma vida melhor (CAVALCANTI, 2006, p.22).

Em uma das passagens do livro também nota-se a admiração que Júlio Santana sentia pela farda de exército, corroborando o sentimento de ver na profissão de policial uma oportunidade de vida melhor: “Certamente, Ritinha e dona Marina ficariam

orgulhosas de vê-lo usando botas como aquelas” (CAVALCANTI, 2006, p. 67). Quando Júlio apareceu vestido com o uniforme que ganhou em Xambioá, os pais e irmãos também ficaram admirados:

Ao ver o filho, dona Marina abriu um largo sorriso e disse que nunca tinha visto um rapaz tão lindo. Seu Jorge também elogiou, falando que Júlio parecia um general do Exército. Pedro e Paulo se aproximaram para tocar na roupa do irmão (CAVALCANTI, 2006, p. 153).

Foi por conta da vontade de ganhar dinheiro que a profissão de matador chamou atenção de Cícero e Júlio, pois era um serviço que gerava um lucro bem maior que outros disponíveis na região, como indica a menção ao preço de cada serviço: “Naquela noite, Júlio contou o dinheiro diversas vezes antes de dormir. Ganhar 300 cruzeiros por um dia de trabalho era algo que ele jamais imaginara possível” (CAVALCANTI, 2006, p. 170).

Em vários trechos da obra, percebe-se que a violência é muito utilizada como forma de resolver os conflitos. Isso pode ser visto por meio das justificativas dos mandantes dos assassinatos que Júlio Santana praticava. O próprio matador afirma:

Jamais quis saber por que razões as pessoas que o contratavam desejavam a morte de alguém. Curiosamente, todos – sem exceção- que pagavam por seus préstimos pareciam fazer questão de expor seus motivos. Para ele, era como se quisessem justificar aquela vontade maldita (CAVALCANTI, 2006, p. 232).

Neste sentido, a vingança aparece como principal justificativa dos assassinatos que Júlio era pago para cometer. Foi esse o porquê da morte de Amarelo, pescador que havia estuprado uma menina de 13 anos. Em discurso indireto, o autor mostra a voz da mãe da menina, que convenceu o marido a contratar um matador: “Dona Livia abraçou a filha com uma força que não sabia possuir. Não se reconheceu ao desejar matar uma pessoa. Foi ela quem convenceu o marido a contratar um pistoleiro para dar cabo de Amarelo” (CAVALCANTI, 2006, p. 35).

Os trechos que contam a morte da mulher chamada Alzimara também mostram novamente que a vingança era usada constantemente para justificar a violência. Júlio “havia sido capturado enquanto tentava fugir, depois de matar uma mulher que assassinara o próprio filho, de 8 meses, para se vingar do marido que a traia. O mandante do crime era o próprio marido, indignado com a morte do bebê” (CAVALCANTI, 2006, p. 232).

Em discurso indireto aparece uma informação que revela que a grande maioria das mortes de mulheres era encomendada a Júlio Santana pelo próprio marido: “vítimas mulheres foram cinquenta e nove. A maior parte delas teve a morte encomendada pelos próprios maridos, que acreditavam ter sido traídos” (CAVALCANTI, 2006, p. 199).

Além da violência vingativa usada como justificativa de muitos assassinatos, principalmente de mulheres, nota-se também que violência é usada como forma de resolver os problemas que envolviam sexo, álcool e dinheiro presentes na rua conhecida como Vietnã, em Xambioá:

A rua tinha esse nome devido às constantes brigas que aconteciam no lugar. Invariavelmente, as confusões tinham como motivo central sexo, álcool ou dinheiro. Nas mais ásperas – as que resultavam em morte –, esses três elementos apareciam conjugados (CAVALCANTI, 2006, p. 100).

Assim como o trecho sobre a morte de Alzimara, outros episódios fazem com que a necessidade de se impor socialmente e a vingança apareçam como justificativa de violência, que por sua vez revelam elementos constituintes da sociedade ali existente. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho de uma conversa entre Júlio Santana e o empregado do agiota que contratou o serviço do matador, que diz para Júlio: “como meu chefe vive de emprestar dinheiro aos outros, ele precisa mostrar para o povo o que acontece com quem pede dinheiro a ele e não paga” (CAVALCANTI, 2006, p. 218).

O sentimento da necessidade de se impor socialmente frente às pessoas não só justificava a violência, como também vários atos em que o orgulho era o valor mais importante, como consta no trecho:

Depois de já ter contado inúmeras histórias de suas caçadas na selva, nas quais matava animais a mais de 50 metros de distância, ele não queria errar. Além disso, sentia-se na obrigação de provar ao delegado que o seu tio não o havia indicado para aquele serviço à toa (CAVALCANTI, 2006, p. 82).

Outro elemento que gerava uso de violência na região eram as constantes brigas pelo poder político e econômico, como é visto a seguir: “Roberto Pascoal disse que queria eliminar Nativo antes que ele ganhasse ainda mais força e projeção” (CAVALCANTI, 2006, p. 201).

Outro motivo de um dos assassinatos revelou que na região há uma grande desigualdade social sofrida por lavradores que ocuparam terras de fazendeiros ou pessoas que ainda eram mantidas como escravos, apesar de a lei que aboliu a escravidão no Brasil existir desde 1888. É essa a realidade mostrada respectivamente nos trechos:

Dois meses antes, ele havia recebido 6 mil cruzeiros para assassinar um agricultor, em Esperantina, no Tocantins, a mando de um fazendeiro descontente com a invasão de terras por um grupo de lavradores” (CAVALCANTI, 2006, p. 175). “Em 1978, matou um menino [...], a mando de um fazendeiro de Paragominas, no Pará, que queria forçar um casal de trabalhadores escravos a voltar para a fazenda de onde fugira. [...] caso o homem e a mulher não retornassem à escravidão, o fazendeiro ameaçava matar seus outros três filhos (CAVALCANTI, 2006, p. 188).

Por meio dos enunciados presentes no livro, também se verifica que a ideologia religiosa é bastante presente nas relações sociais constituídas na Amazônia. Tais relações mostram que por meio da religião são construídas as personalidades de muitas pessoas. Isso pode ser percebido no seguinte diálogo entre Júlio Santana e Cícero, onde se vê que a religiosidade é para o rapaz um dos motivos que o levavam a não querer matar ninguém: “Se eu fizer isso – continuava negando-se a falar em “morte” ou algo parecido -, Deus vai me castigar. É capaz de eu ir para o inferno. Não quero ser castigado nem ir para o inferno” (CAVALCANTI, 2006, p. 37).

Assim, percebe-se que a religiosidade é um dos meios de estabelecimento de leis na vila onde mora Júlio, mas o tio que já vivia em cidade grande se aproveita da ingenuidade do rapaz e utiliza o argumento também do âmbito religioso para convencer o sobrinho a praticar o assassinato:

- Amanhã, depois de matar Amarelo, você volta para casa e reza dez ave-maria e vinte pai-nosso. Assim, eu garanto que você estará perdoado.
- Como é que o senhor sabe?
- Porque é assim que eu faço. E sempre dá certo. Quem me ensinou foi um padre lá de Imperatriz. Rezando dez ave-maria e vinte pai-nosso, a gente está perdoado de qualquer pecado (CAVALCANTI, 2006, p. 38).

Outro trecho que mostra o quanto a religiosidade rege as relações sociais é o seguinte discurso no qual Cavalcanti fala sobre a vontade de Júlio matar o tio que o enganara: “pela primeira vez na vida, quis matar alguém por vontade própria. Deveria tê-lo feito. Mas não queria entristecer a alma de seu pai” (CAVALCANTI, 2006, p. 210).

Outras vozes presentes na obra mostraram que a religiosidade é muito presente na região amazônica, como se percebe no discurso de uma das vítimas de Júlio Santana: “- Socorro! Pelo amor de Deus, alguém me acuda!” (CAVALCANTI, 2006, p. 235). A mesma situação é vista no seguinte discurso, por meio do qual percebe-se o catolicismo presente na vila Porto Franco: “Assim tinha aprendido com os pais, ambos devotos de

São Jorge e todo domingo iam à missa na igreja de madeira da comunidade” (CAVALCANTI, 2006, p.37). Mesmo após um assassinato Júlio ouve a seguinte frase piedosa: “ – Vá com Deus, rapaz. Você fez um ótimo trabalho” (CAVALCANTI, 2006, p. 206).

Certamente os dias de frequentar a igreja eram de muita importância para aquele povo, e as pessoas se preparavam da melhor forma para ir às rezas: “o único par de sapatos que tinha [...] estava praticamente novo. Só calçava o tênis para ir à missa, aos domingos” (CAVALCANTI, 2006, p. 67).

Com o passar do tempo, Júlio não perdera a fé, porém não mantinha mais o costume de frequentar a igreja aos domingos em Porto Franco; agora ele passava os domingos em casa (CAVALCANTI, 2006, p. 171). A esposa ia para o culto em uma igreja evangélica com a filha e o filho ficava na rua jogando futebol. Assim percebe-se que; ao contrário de como Júlio e seus pais costumavam ir juntos aos domingos à missa, a nova família de Júlio não mantinha mais a tradição, revelando assim que, com a passagem do tempo e certamente influências da vida urbana, alguns costumes religiosos já se modificavam, confirmando assim que a sociedade da região já deixava de ser menos tradicional e começava a sofrer modificações.

No entanto a composição familiar continuava a ser a mesma. A família de Júlio também era composta por mãe, pai e filhos, corroborando a idéia de que as relações familiares ainda são tradicionais e revelando como as relações sociais são constituídas nessa região. Isso pode ser verificado no seguinte trecho, em que se percebe a formação da família amazônica em 1970: “Júlio morava com os pais – seu Jorge , 43 anos, e dona Marina, 38 – e os dois irmãos mais novos – Pedro, 14, e Paulo, 11. A família vivia numa casa de madeira de uma comunidade ribeirinha” (CAVALCANTI, 2006, p.22). Em 2006, a família de Júlio também era constituída assim : Júlio “vivia com a mulher e os dois filhos, um rapaz de 18 anos e uma menina de 12” (CAVALCANTI, 2006, p. 171).

A hierarquização patriarcal e a religiosidade são mostradas como aspectos importantes nas relações familiares da região. Júlio só não matou o tio Cícero por causa do pai. Pela voz de Júlio também percebe-se que na vila onde mora é comum pedir bênção aos mais velhos:

- Já estiou, pai. Não agüento mais ficar dentro de casa. Volto logo. A bênção. – respondeu.
- Deus te abençoe (CAVALCANTI, 2006, p.49).

Mais uma prova de que a religião conduzia muitas relações humanas é a grande valorização do casamento. Júlio, aos dezessete anos, já pensava em se casar com a namorada de quatorze anos e fazia planos. A própria possibilidade de casamento também foi um argumento usado pelo tio de Júlio para convencê-lo a trabalhar no exército.

- Porque é um trabalho fácil e você vai ganhar um salário muito bom. Você não disse que quer se casar com Ritinha? Com o dinheiro que você vai ganhar nesse serviço, já dá para começar a construir a casinha de vocês. A idéia agradou ao rapaz. Para poder se casar e viver com Ritinha, estaria disposto a tudo (CAVALCANTI, 2006, p. 61)

Aos 29 anos Júlio se casou, mas não com a namorada de infância. O matrimônio aparece nesse momento como um elemento que marca relações sociais ainda tradicionalistas na região. Foi exigido que se respeitasse a vontade de uma pessoa mais velha, registrando a união no cartório: “Com a aprovação do avô da moça, eles se casaram, de papel passado – uma exigência do velho –, em março de 1984” (CAVALCANTI, 2006, p. 230).

Percebe-se que em alguns anos as relações familiares continuaram sendo tradicionais, mas as pessoas já viviam os impactos da mudança de tempo, principalmente por causa das tecnologias. Essa realidade é exposta ao lembrar que aos 17 anos Júlio morava em uma pequena casa na beira do rio e sem eletricidade. Anos mais tarde o local virou cidade, com ruas asfaltadas e acesso a tecnologias, como nota-se a seguir:

Não vivia mais em uma vila ribeirinha, como na infância. Agora, sua casa ficava no centro urbano de Porto Franco. A cidade em muito pouco lembrava aquela na qual ele cresceu e viveu até os 18 anos. No início dos anos 1970, Porto Franco tinha cerca de 1,5 mil habitantes. Em abril de 2006, já eram 18 mil. A maioria das ruas ainda era de terra batida. Mas as principais já haviam sido asfaltadas. Vivia em condições muito melhores do que quando era garoto (CAVALCANTI, 2006, p. 199).

Assim como a cidade passava por transformação, as atitudes e expectativas de Júlio Santana em relação a própria vida também começavam a se modificar:

Júlio se dizia exausto daquela vida desgraçada, de matar um aqui e outro acolá. Além disso, não tinha mais a agilidade, a força e a visão aguçada do passado [...]. Havia decidido se aposentar e mudar de cidade e de estado (CAVALCANTI, 2006, p. 2013).

Nota-se que Júlio Santana mudou psicologicamente e ao pensar em mudar para outra cidade ele já refletia sobre as estruturas que o lugar deveria ter a fim de atender as necessidades da família. Assim, escolheria com cautela o novo lugar onde iria morar: “o sítio deveria ficar perto de alguma cidade maior, com pelo menos 200 mil habitantes, para que os filhos tivessem acesso a bons colégios e coisas que eles gostavam, como *shopping*, festas e cinema” (CAVALCANTI, 2006, p. 243).

2.4- A relação entre a Amazônia, o Brasil e o mundo

São trinta e cinco anos narrados em “O nome da morte”. Durante esse período, mostra-se que as mudanças aconteceram na geografia, na formação populacional e na tecnologia presente na Amazônia Legal, palco da história protagonizada por Júlio Santana e narrada na obra em análise. Mas como essa região é vista em relação ao restante do Brasil? Como é mostrado o descompasso histórico da Amazônia, referenciada muitas vezes como “cafundó”, “selva” e “rincões da floresta”? É neste sentido, ou seja, de identificar como são estabelecidas as relações entre a Amazônia e o Brasil, que se constrói esse capítulo.

O autor da obra é recifense e por dois anos foi correspondente da revista *Veja* na Amazônia. Nesse período, teve a oportunidade de conhecer a região em viagens por vários estados, como Amazonas, Pará e Roraima (CAVALCANTI, 2002). Em sua declaração na Nota do Autor, percebe-se a visão que Cavalcanti tem sobre a composição Amazônica.

Uma gente abandonada pelas autoridades e pelo Governo, em cujos povoados até hoje não há energia elétrica, água encanada, esgoto, escolas, postos de saúde. Onde a segurança é inexistente e a polícia não põe os pés. Um universo naturalmente belíssimo, habitado por animais fascinantes e forrado de árvores centenárias e rios que parecem não ter fim (CAVALCANTI, 2006, p. 19).

A partir desse recorte, percebe-se que o autor descreve a Amazônia com encantamento pelas belezas naturais da região e, ao mesmo tempo, estranhamento.

Cavalcanti aponta críticas por conta da visão favorecida pela experiência de conhecer outras cidades, certamente mais desenvolvidas, além, é claro, de falar de como o poder do Estado é exercido na região, denunciando as más condições vividas pelos amazônidas, como a falta de fornecimento de energia, água encanada, saneamento básico, educação escolar e cuidados médicos.

Mas não é apenas o autor da obra, com uma visão exterior, que mostra a opinião de que a região é atrasada. Amazônidas figurados no livro também afirmam essa mesma idéia, como no exemplo visto no seguinte discurso direto proferido pelo pai de Júlio Santana. Ao incentivar o filho a trabalhar em Imperatriz, Jorge fala: “Vá, meu filho. Nós vamos sentir sua falta, mas aqui você não tem futuro. Vai morrer sem sair desse **fim de mundo**” (CAVALCANTI, 2006, p. 154, grifo meu). Jorge chama de “fim de mundo” a vila onde mora, com o sentido de afirmar a idéia de que a região é deslocada do restante do Brasil e do mundo. Para ele, o local não oferece oportunidades de emprego, tornando-se difícil conseguir boas condições de se viver bem.

Por meio desses dois enunciados, já percebe-se em que sentido se constroem os discursos sobre a realidade amazônica. Uma realidade que no decorrer da narrativa é percebida metaforicamente como uma “colcha de retalhos”, pois a medida que surgem enunciados onde aparece um Amazônia “encantada”, também se notam aqueles em que ela representa frustração nos âmbitos político, econômico, social e religioso. Assim, gera-se o discurso de que a Amazônia é um lugar onde tudo acontece de forma mais lenta e contraditória.

Foi desse espaço contraditório que saiu o assassino de aluguel biografado no livro, como pode ser visto no trecho: “Desse mundo **fabuloso e inóspito**, saiu Júlio Santana, um brasileiro que passou a vida matando brasileiros” (CAVALCANTI, 2006, p. 19, grifo meu). Observa-se que ele utiliza a palavra “fabuloso” para dizer que o local é maravilhoso a ponto de parecer inimaginável, como se fizesse parte de uma fábula; porém também usa a palavra “inóspito” para afirmar que o lugar é inabitável, uma vez que apesar de características fantásticas, também é um lugar pouco acolhedor (HOUAISS, 2004).

O motivo da viagem de Cavalcanti à região revela como a Amazônia era vista nacionalmente, principalmente por meio dos materiais jornalísticos, como pode ser visto na voz do próprio Cavalcanti:

Meu primeiro contato com esse intrigante cidadão brasileiro ocorreu durante a produção de uma reportagem sobre trabalho escravo. À época, março de 1999, eu era correspondente da revista *Veja* na Amazônia, função que desempenhei durante pouco mais de dois anos. Para a referida reportagem, eu e o fotógrafo Janduari Simões viajamos a várias cidades do Pará, à procura de pessoas que já tinham sido escravizadas e de fazendeiros que mantinham escravos em suas propriedades (CAVALCANTI, 2006, p.15).

Esse trecho mostra como a região é pautada nos meios de comunicação. Nele vê-se a Amazônia descrita como um local sem leis, pois o propósito da reportagem que seria feita por Cavalcanti era mostrar o regime de escravidão ainda vivido no interior paraense. Observa-se o próximo trecho, que mostra a região como lugar onde as leis não são cumpridas: “Ainda hoje, o Pará é o estado com maiores índices de assassinato em conflitos agrários no Brasil” (CAVALCANTI, 2006, p. 176). Aqui, percebe-se que a violência é muito utilizada para resolver conflitos não só pessoais (como pôde ser discutido na terceira seção deste capítulo), mas também políticos, como a questão agrária.

Continuando a idéia de que a Amazônia é uma terra sem leis Cavalcanti mostra a corrupção como um elemento comum não apenas na Amazônia, mas no Brasil: “Para quem conhece os bastidores da policia brasileira, infelizmente não é novidade observar essa relação amigável entre policiais e criminosos” (CAVALCANTI, 2006, p.16). O autor afirma que há uma relação promíscua entre dois grupos que notoriamente não deveriam possuir amizades, mas também nesse momento ele posiciona a Amazônia dentro do Brasil, pois declara que a corrupção existe em todo o país e tal característica não faz com que a região seja diferente de outros estados. Cavalcanti corrobora ainda mais essa realidade por meio do seguinte discurso direto: “Júlio repetia o que ouvia tantas vezes o tio dizer: ‘Por essas bandas, a policia não se mete com pistoleiro’” (CAVALCANTI, 2006, p. 232). Percebe-se assim que o discurso de Cavalcanti sobre a polícia é construído a partir do discurso de outrem, como o exemplo anterior, que contém as vozes de Júlio e de Cícero em um único enunciado.

Neste sentido, há vários trechos que expõem a ineficiência da segurança na região e o comportamento corrupto da polícia. Isso é mostrado no episódio em que o delegado troca o Boletim de Ocorrência por uma moto para soltar Júlio Santana da cadeia, como se observa na fala de um mandante do crime pelo qual Júlio foi preso: “Havia falado, entre outras coisas, que o delegado era conhecido por aceitar suborno para livrar criminosos da cadeia” (CAVALCANTI, 2006, p. 239). Assim detecta-se uma

policia corrupta que não cumpre as leis, pois aceita a troca da moto pelo único documento que provava o crime.

Por meio do discurso também percebe-se a omissão do Estado frente a muitos fatos na região, como por exemplo a não identificação de corpos de guerrilheiros que participaram da Guerrilha do Araguaia, como mostra o seguinte trecho: “Até hoje, Maria Lúcia Petit é a única pessoa do movimento rebelde que morreu em confrontos com as forças militares a ter o corpo exumado e identificado – estima-se que cerca de sessenta comunistas tenham sido mortos na guerrilha” (CAVALCANTI, 2006, p. 141). Maria Lúcia Petit foi a única a ter o corpo exumado e identificado, mas para que isso acontecesse foram necessários muitos anos de espera, conforme mostra o discurso a seguir:

durante quase vinte anos, o corpo da guerrilheira que Júlio matou no Araguaia permaneceu enterrado e esquecido no cemitério de Xambioá, no Tocantins. O cadáver só seria exumado em abril de 1991, quando uma comissão formada por familiares de mortos e desaparecidos na guerrilha, membros da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e peritos da Universidade de Campinas (Unicamp) viajaram até a cidade e retiraram o cadáver da jovem em que tinha sido jogada (CAVALCANTI, 2006, p. 138).

No próximo trecho, confirma-se a idéia de que o fato mostrado acima não teve solução positiva mais rápida por falta de vontade política, pois o sistema só era rápido e prático para executar as atividades de interesse do Exército, como identificar verdadeiras identidades dos guerrilheiros e transportar de avião os prisioneiros da Amazônia para a base militar em Brasília (DF):

unindo as evidências encontradas na mata aos depoimentos de diversos moradores da região, que declararam que Genoino fazia parte do movimento armado, o Exército decidiu despachar o suposto guerrilheiro – cuja identidade permanecia em segredo – para Brasília, onde ficava sob os cuidados do Pelotão de Investigações Criminais, o PIC. A viagem foi feita no dia 22 de abril de 1972, num avião militar, modelo Búfalo. Na capital federal, José Genoino Neto teve sua identidade comprovada” (CAVALCANTI, 2006, p. 107)

Assim, por meio dos discursos presentes na obra também pode-se falar que a Amazônia aparece como lugar de contradição. A região era dos lugares onde mais havia policiais, porém tratava-se da existência de uma policia corrupta e autoritária, que aceitava subornos e fazia imposição da força armada militar contra os moradores da região. Isso pode ser visto principalmente nos trechos que falam sobre o garimpo de Serra Pelada e a Guerrilha do Araguaia, como aparece no trecho sobre a guerrilha:

Por causa dos militares que não paravam de chegar – estimava-se que, durante a Guerrilha do Araguaia, cerca de 4 mil militares atuaram na região –, faltava de tudo. Comida, bebida, cigarro, produtos de limpeza. Tudo o que havia de melhor nos pequenos mercados da cidade ficava com os homens do Exército, da Marinha e da FAB. Aos poucos mais de 3 mil moradores, restava ficar com o que sobrava - hoje Xambioá tem 13 mil habitantes (CAVALCANTI, 2006, p. 110).

A partir do recorte percebe-se a imposição da força militar, uma vez que só as Forças Armadas, o Exército e a Marinha tinham direito sobre as melhores condições de vida.

Percebe-se também como era o funcionamento do comércio na região, destacando-se algumas características que revelam como a Amazônia se situa no país quanto ao abastecimento comercial, da circulação da moeda e da distribuição de renda na região.

O próximo recorte mostra que, apesar da existência do dinheiro, o sistema de permuta ainda é usado na região Amazônica: “Como não possuía os mil reais que Cícero pediu para matar Amarelo, Lima sugeriu pagar parte do serviço com alimentos que vendia na região” (CAVALCANTI, 2006, p. 32). Esse tipo de sistema comercial era comum na vila onde Júlio morava, pois com a falta de dinheiro muitos ribeirinhos trocavam produtos com o regatão, que é o profissional que revende [ou troca] produtos industrializados aos moradores das áreas isoladas (CAVALCANTI, 2006).

Neste sentido, verificou-se uma realidade que contribui fortemente para o aumento da desigualdade na distribuição do dinheiro, pois poucos ficavam com muito e muitos ficavam com pouco. Isso pode ser percebido no próximo trecho, em que aparece a voz de Cícero Santana em discurso direto:

- Confia em mim rapaz. Vai dar tudo certo. Você fica com os homens do Exército uns dias e volta para casa com um bom dinheiro no bolso. Eles vão te pagar 20 cruzeiros de diária. Se você ficar com eles por dois meses, vai ganhar 1200 cruzeiros (quase seis salários mínimos da época, que era de 225 cruzeiros).

Esse trecho mostra que Júlio vai fazer um trabalho em que ganhará muito dinheiro em pouco tempo. Aos 17 anos, era a primeira vez que Júlio trabalharia e ainda receberia muito dinheiro que não escondia a empolgação como pode ser visto no trecho: “- é muito dinheiro, né? – disse o rapaz, empolgado com a possibilidade de ganhar um salário que ninguém na sua comunidade recebia” (CAVALCANTI, 2006, p. 61-62).

Vê-se também a desigualdade na distribuição do dinheiro na região, situação que resultava, por exemplo, no desconhecimento do valor dos produtos, como pode ser comprovado ao analisar o porquê de Júlio não saber usar dinheiro: “o garoto de 17 anos ficou desorientado. Nunca precisou pagar do próprio bolso por nada. Na verdade, nunca tivera dinheiro algum” (CAVALCANTI, 2006, p. 70); “O garoto nunca vira tanto dinheiro na vida. Sequer tinha noção do que poderia fazer e comprar com tudo aquilo” (CAVALCANTI, 2006, p. 71). Dessa forma percebe-se a desigualdade econômica da região que resulta também na dificuldade de acesso a boas escolas, atendimento médico e a produtos alimentícios, como mostra o seguinte trecho:

Beber duas coca-colas era um luxo que ele jamais tivera em Porto Franco. Seus pais – Jorge e Marina – sempre lhe diziam que havia coisas mais importantes para se comprar, como feijão, sal, açúcar e óleo. “Coca-cola era coisa de gente rica, repetia seu Jorge” (CAVALCANTI, 2006, p. 74).

Ao mostrar a realidade do sistema econômico da região, corrobora-se com o discurso de que a Amazônia está desconectada do restante do país, resultando assim na idéia de que a região também sofre com a falta de acesso a uma política mais igualitária que daria oportunidade de todos terem educação de qualidade, informação e emprego justo.

Apesar da expansão dos meios de comunicação no Brasil fazer parte das metas do Exército, os discursos encontrados em “O nome da morte” mostram que durante cerca de 20 anos os moradores da vila de Porto Franco não tinham acesso à informação, ao contrário de outros locais que ficam perto da comunidade. No próximo trecho, verifica-se que Júlio só havia visto revistas que o tio trazia de Imperatriz, cidade onde já havia meios de comunicação como rádio e revistas:

Até aquele dia só tinha visto automóveis nas fotos das revistas que ganhava do tio. Mas o barulho dos carros o incomodava. Assim como a multidão da cidade – à época, Imperatriz tinha cerca de 15 mil habitantes. Ele nunca imaginara que poderia haver tanta gente num mesmo local (CAVALCANTI, 2006, p. 62).

Por meio desse recorte percebe-se que o senso de informação de Júlio se restringia ao local onde morava, uma vez que não imaginava que em outras cidades pudesse haver muitos habitantes. Neste sentido, vê-se que a falta de informação influenciou diretamente na visão de mundo e, portanto, no futuro de Júlio Santana, uma vez que por conta da precariedade de estudo e da falta de acesso aos meios de

comunicação o jovem participou como guia de um grupo do Exército no período da Guerrilha do Araguaia sem nem saber que guerra era aquela, ou o que era o movimento comunista, e o que o Exército estava fazendo na Amazônia. Dessa forma, ele aceitou trabalhar como guia de floresta para o Exército sem saber que relações os militares mantinham com os guerrilheiros e com os nativos da região. Por isso, ao perguntar por que o Exército precisava dele, obteve resposta de um discurso provido de ideologias cultivadas pela Força Militar, que veio ao conhecimento de Júlio por meio do discurso do tio:

Cícero Santana explicou novamente que o delegado de Xambioá, Carlos Marra, estava recrutando homens para ajudar o Exército Brasileiro a capturar os comunistas escondidos nas selvas da região do Rio Araguaia. O garoto quis saber o motivo que levava os militares a querer prender os tais comunistas e o que era um comunista (CAVALCANTI, 2006, p. 60).

Na antiga vila Porto Franco, o ensino público era precário, as escolas eram de madeira e ensinavam somente até o ensino fundamental:

Pedro e Paulo tinham ido, na canoa a remo, para a escola pública da comunidade: uma casa de madeira, erguida numa vila, a 30 minutos de barco da casa da família. Na escola ensinava-se até a 4ª série, que Júlio concluía aos 14 anos (CAVALCANTI, 2006, p. 28).

Júlio não era regular no ensino, uma vez que somente aos 14 anos ele concluiu uma etapa estudantil, que em uma cidade com incentivos políticos para a educação pública, é comum uma pessoa concluir com menos idade.

A partir do conhecimento sobre essa realidade, verifica-se que o descompasso quanto às questões educacionais, econômicas e de comunicação na região influenciava diretamente na estrutura que as vilas ofereciam aos moradores, pois as casas e escolas eram de madeira, as poucas estradas que existiam eram precárias, nos locais que havia muitas pessoas os comércios não abasteciam a necessidade da população e não havia água encanada ou luz elétrica.

Na casa de Júlio Santana, em 1971, não havia energia elétrica. Mas nesse mesmo ano já havia energia em Imperatriz, cidade que fica longe de Porto Franco cerca de duas horas de viagem de voadeira:

Não entendia o que era aquela bola de vidro, pouco menor que uma maçã, pendurada no teto. Só aprenderia ao anoitecer.
- E acende assim, tio, sem nada? Não precisa de querosene? – perguntou o rapaz cuja casa era iluminada por dois lampiões.

- Julão – disse Cícero, aos risos -, isso acende com energia elétrica. Aqui, na cidade, tem um gerador de energia, movido a diesel. É essa energia que faz funcionar as coisas como geladeira e lâmpada. Entendeu?
- Não, nadinha (CAVALCANTI, 2006, p. 63)

Por causa desse desalinhamento entre as vilas e cidades, Júlio parecia se sentir em outro mundo após sair da vila onde morava. Tanto em Imperatriz quanto em Xambioá, onde funcionava uma espécie de sede do Exército, Júlio estranhava tudo, pois pouco do que ele via ali conhecia: “uma gritaria danada. Nos bares, músicas saíam de grandes caixas iluminadas. Xambioá estava totalmente diferente daquela manhã em que ele partiu para a primeira operação nas selvas do Araguaia” (CAVALCANTI, 2006, p. 69 – 70).

Em 1982, já como pistoleiro profissional, Júlio viajou com o tio para o garimpo de Serra Pelada, no Pará. Antes precisaram fazer compras, mas os comércios locais não conseguiam suprir a necessidade de mercado na cidade, como é visto no trecho: “Tanta gente havia esvaziado as prateleiras de mercados e padarias. Cícero e Júlio queriam comprar mantimentos, antes de seguir para Serra Pelada, mas não encontraram feijão, macarrão, açúcar, bolacha e óleo” (CAVALCANTI, 2006, p. 177).

No garimpo a situação de precariedade não era diferente. Os próximos trechos mostram que o governo tratava o local como se não fizesse parte do país, uma vez que não tinha moradia com boa estrutura, água encanada e pavimentação: “Não havia uma casa sequer de alvenaria. Eram todas de madeira. E todas cobertas com lonas de plástico preto ou com tábuas” (CAVALCANTI, 2006, p. 178). Júlio parecia desconexo com a região do garimpo, o qual referenciou pelos termos “pandemônio” e “balburdia”. O discurso de Júlio fala sobre a realidade do garimpo, onde “não havia água encanada nas casas. Todos se banhavam juntos, em grupos de vinte e até de trinta homens, em canos que saíam de um poço artesiano” (CAVALCANTI, 2006, p. 181).

Por volta de 1982, o Pará era um dos locais que mais tinham homens na região. No seguinte trecho, percebe-se o estranhamento de Cavalcanti ao utilizar uma figura de linguagem para dizer que ali havia uma superpopulação, como se vê a seguir: “Os 80 mil homens que viviam em Serra Pelada pareciam **ocupar cada palmo** daquela terra acinzentada” (CAVALCANTI, 2006, p.178, grifo meu). É exagerando com o uso de hipérbole que Cavalcanti passa a noção de quantidade de homens no local, mas também mostra, por meio desse exagero, um estranhamento com essa realidade.

Toda essa movimentação de homens nessa região amazônica se explica pelo uso do termo “eldorado paraense”, como ficou conhecida Serra Pelada, uma vez que o garimpo atraiu muitos migrantes para a região: “O êxodo foi tamanho que, pouco mais de um ano depois – em setembro de 1981 -, já eram quase 80 mil garimpeiros vivendo e trabalhando em Serra Pelada. Poucas cidades do Pará tinham tanta gente” (CAVALCANTI, 2006, p.174).

Além da visão sobre a Amazônia como “o eldorado” por conta da exploração de ouro no garimpo de Serra Pelada, havia também os incentivos para que o povo nordestino povoasse a Amazônia no período de exploração da borracha (entre o século XIX e meados da década de 1960) (SILVA, 2010). Em busca do “milagre econômico” o governo de Médici (1969 -1974), por exemplo, também formulou planos para integrar a região amazônica com o restante do país. Neste sentido, milhares de pessoas com esperança de vida melhor foram atraídos para a região por causa do projeto que teve como lema "Homens sem terras do nordeste para terras sem homens na Amazônia". Porém, em busca do “Milagre Econômico” o real objetivo do governo era povoar e integrar a Amazônia para assegurar soberania sobre o território, surgindo assim o *slogan* “integrar para não entregar” (COTRIM, 1999), principalmente com a construção da Transamazônica, que não chegou a funcionar de modo integral, mas que foi “idealizada pelo regime militar na década de 1970 para tirar a região do “isolamento” em relação ao Sul e ao Sudeste do Brasil” (NOGUEIRA, 2008, p. 82).

No entanto, ainda havia um contraste de distribuição populacional na Amazônia. Enquanto no Pará havia regiões com grande população, em locais como Porto Franco e vilas próximas ao rio Gameleira havia poucas pessoas, como pode ser visto na citação: “Durante os sete dias que passaram desbravando a selva, encontraram cerca de 10 casas” (CAVALCANTI, 2006, p. 69). Neste sentido o discurso quer firmar a desigualdade existente na região, pois dez casas é um número muito pequeno com relação a centenas de barracões existentes em Serra Pelada.

Porém, a existência de um local onde haja a possibilidade de exploração do ouro põe a Amazônia em destaque com relação não só ao Brasil, mas também ao mundo. Isso pode ser constatado no seguinte discurso: “em fevereiro de 1982, Júlio fez seu primeiro trabalho em Serra Pelada, que chegou a ser o maior garimpo manual do mundo, no Pará” (CAVALCANTI, 2006, p. 176).

A partir desse trecho percebe-se também a importância histórica do garimpo. O autor faz uma comparação e utiliza um importante dado para situar a região no mundo, mostrando como o garimpo ajudou a Amazônia a se constituir como uma “colcha de retalhos” feita de brasileiros, pois “havia jovens, velhos, loiros e negros. Os sotaques se misturavam. Pelas conversas que ouvia, Júlio ficou sabendo que alguns daqueles aventureiros à procura de ouro tinham saído do Maranhão, da Bahia, do Mato Grosso e do Paraná” (CAVALCANTI, 2006, p. 177); “Eram quase todos homens, de várias partes do país, dispostos a tudo para ‘bamburrar’, termo usado pelos garimpeiros para designar aqueles que conseguem enriquecer com o ouro” (CAVALCANTI, 2006, p. 176). Com muitas pessoas de diferentes culturas em um só lugar era esperado que houvesse conflitos, como fala Cícero em discurso indireto: “Segundo Cícero, a ganância e a ambição de todos esses homens estavam criando intrigas que só eram resolvidas à bala” (CAVALCANTI, 2006, p. 174).

Apesar de em muitas situações a Amazônia parecer desconectada do restante do país, percebe-se em alguns trechos que a região está sob comando do governo nacional. Mostra-se que o presidente da República comanda Serra Pelada por meio da nomeação de um responsável de sua confiança para ser administrador do garimpo. Como era período de ditadura, o responsável era um militar, “o major Curió – Sebastião Curió de Moura, uma espécie de prefeito de Serra Pelada, nomeado pelo então presidente da República, João Baptista Figueiredo – havia proibido o consumo de bebidas alcoólicas no povoado” (CAVALCANTI, 2006, p. 184).

Por meio da caracterização das relações políticas, humanas e sociais travadas na Amazônia, mostra-se também que no decorrer dos anos, alguns lugares da região passavam por transformações em meios de transporte, na comunicação, no comércio, dentre outros elementos.

Além dos rios, a população já começava a usar as estradas, que foram construídas pelo Exército como uma das metas de integração dos estados brasileiros. No entanto a situação das estradas amazônicas era muito precária: “Para percorrer os cerca de 150 quilômetros que separavam Xambioá de Tocantinópolis, o jipe do Exército levou quase 5 horas, devido às péssimas condições das estradas – à época, todas de terra – que ligavam um município ao outro” (CAVALCANTI, 2006, p. 145). No próximo fragmento também percebe-se tal realidade das estradas da Amazônia:

Só abriu os olhos quando o caminhão entrou numa trilha no meio da selva e os solavancos fizeram com que o homem à sua esquerda caísse sobre ele. Ficou impressionado com o que viu. O veículo passava com as laterais lambendo as árvores, tão estreito era o caminho. Bastava esticar o braço para tocar nos troncos. Qualquer derrapagem jogaria o caminhão mata adentro (CAVALCANTI, 2006, p. 177).

Apesar da falta de estrutura para execução de muitas das responsabilidades do governo com a população amazônida, percebe-se que o Exército tinha acesso a meios de transporte mais rápidos para se movimentarem no país, como helicópteros: Júlio, “Caminhando na rua, viu algo de que jamais esqueceria. [...] ‘Como essa trepeça pode voar?’, pensou. Ele já tinha visto aviões rasgando os céus da floresta. E, definitivamente aquilo não era um avião” (CAVALCANTI, 2006, p. 72).

Quanto ao transporte público, pouca coisa mudou ao longo de um período de 35 anos, pois o meio principal continuava a ser a navegação: “Até hoje, a região em que Júlio Santana nasceu e cresceu mantém trechos de Floresta Amazônica nativa. Grande parte do transporte coletivo local ainda é feito em pequenas embarcações” (CAVALCANTI, 2006, p. 177).

As principais mudanças que aconteceram na vila foi o início da urbanização, com a construção de ruas e novas casas feitas de alvenaria, porém ainda era uma cidade em desenvolvimento: “Atualmente com cerca de 18 mil habitantes, Porto Franco é uma cidade pacata. A maior parte de suas ruas ainda é de terra batida. A Prefeitura funciona numa casa, a cerca de 100 metros do Rio Tocantins” (CAVALCANTI, 2006, p. 178).

Com a urbanização chegando à cidade, Júlio já tinha acesso à televisão. Foi assim que, vinte e seis anos após participar da captura de guerrilheiros no Araguaia, soube qual era a verdadeira identidade do guerrilheiro que ele pensava ser um lavrador chamado Geraldo:

Em 1998, seria novamente eleito. [...] somente nessa época, ao ver uma reportagem na TV sobre o êxito do petista, na qual aparecia a foto de Genoino capturado no Araguaia, Júlio Santana ficou sabendo que o homem em quem deu um tiro, em abril de 1972, havia se tornado um influente político brasileiro (CAVALCANTI, 2006, p. 107).

Os próximos trechos mostram as mudanças vividas por Júlio. A casa em que morava já era diferente da época de infância, ainda vivia na mesma cidade, mas agora ela já estava em desenvolvimento urbano, econômico e social:

Deu mais uma olhada em toda a casa, e pensou se tinha valido a pena matar tanta gente. Não vivia mais numa vida ribeirinha, como na infância. Agora,

sua casa ficava no centro urbano de Porto Franco tinha cerca de 1,5 mil habitantes. Em abril de 2006, já eram 18 mil. A maioria das ruas ainda era de terra batida. Mas as principais já haviam sido asfaltadas. Vivia em condições muito melhores do que quando era garoto (CAVALCANTI, 2006, p 199).

Em 2006, além de acesso à televisão, Júlio também já tinha telefone celular: “O alarme do telefone celular de Júlio Santana tocou às 2h da manhã em ponto” (CAVALCANTI, 2006, p. 213). Foi esse o ano que o assassino de aluguel resolveu sair da agora cidade Porto Franco, se aposentar e viver em outro local onde imaginava ter vida melhor, onde parasse de ser procurado para trabalhar como pistoleiro e pudesse viver bem com sua família:

comprariam um pedaço de terra, em alguma cidade do interior do Brasil, em outro estado, e viveriam de lavouras e das roupas que a mulher costuraria para fora. O sítio deveria ficar perto de alguma cidade maior, com pelo menos 200 mil habitantes, para que os filhos tivessem acesso a bons colégios e coisas que eles gostavam, como *shopping*, festas e cinema (CAVALCANTI, 2006, p. 243).

Porém, é de grande relevância afirmar que por meio das histórias narradas no livro verifica-se que Júlio também atuou como pistoleiro em outros estados brasileiros, comprovando-a com a própria voz na declaração: “depois de passar trinta e cinco anos matando gente Brasil afora” (CAVALCANTI, 2006, p. 244). Portanto, esse recorte revela também que não só os amazônidas priorizavam valores que os tornavam mandantes de crimes, uma vez que existiam mandantes de assassinatos no país inteiro. Isso é comprovado por meio da seguinte declaração que mostra o discurso de Júlio Santana, o assassino de aluguel: “Tudo o que possuía na vida havia conseguido matando gente onde quer que o mandassem” (CAVALCANTI, 2006, p. 215).

Considerações Finais

Após o cumprimento de todas as etapas, tem-se o entendimento do livro como enunciado, ou seja, como a materialização textual de uma enunciação, de um ato de linguagem por meio do qual o autor insere-se e assume posições particulares na inacabável cadeia da comunicação discursiva.

Desta forma, este estudo possibilitou a identificação e compreensão de como é construído o discurso sobre a Amazônia no livro “O nome da morte: a história real de Júlio Santana” (2006), onde se verificou como Klester Cavalcanti caracteriza a região nos diversos aspectos naturais, econômicos e sociais.

O autor individualiza a região por meio das características botânicas, hidrográficas e climáticas, caracterizando-a como um lugar de belezas fascinantes, de fauna e flora esplêndidas, onde há grande diversidade animal e rios belos. Enfim, a natureza do lugar é mostrada de modo a compor um cenário paradisíaco onde animais selvagens e homens simples vivem em harmonia. Porém ao mesmo tempo em que o autor repassa essa visão ao leitor, também declara que a Amazônia é na verdade um paraíso perdido, onde as mudanças feitas pelo homem demoram a acontecer, resultando assim na existência de uma região “intocada” e abandonada, pois se mostra estar longe da urbanização e que, portanto, não gera expectativa de vida melhor ao povo que nela habita.

Constata-se também como são construídas as relações entre o amazônida e a natureza. Nesse sentido, identificou-se que as diferentes relações entre o homem e a natureza constituem distintos tipos humanos, destacando-se a existência do homem mais conectado à natureza e do mais distanciado da região. Sobre o primeiro, identifica-se a existência do amazônida que é conhecedor da natureza, pois sabe como os rios influenciam a vida ribeirinha, ele trata bem os animais e a floresta, além de se mostrar como ser constituinte de seu habitat, de tal modo que a própria região em harmonia constitui um universo particular. Quanto ao segundo, identifica-se a presença do homem mais afastado da natureza, ou seja, aquele que trata os animais, as florestas e os rios com estranhamento. Isso demonstra que tal morador não se reconhece como pertencente ao lugar que habita, uma vez que vive na região apenas com intenção de explorá-la.

Também se pôde apreender como são estabelecidas as relações sociais e humanas. Nesse sentido, cita-se a valorização da religião como item importante para os

amazônidas, pois tudo que fazem se referem a Deus, seja no momento de pedir benção ou no de matar; o patriarcalismo e a composição tradicional familiar (pai, mãe e filho) também são identificados como características da formação dos grupos na região. Já a relação de promiscuidade identificada entre bandidos e policiais e o apontamento de elementos que mostram o interesse dos amazonidas pelo poder político econômico e social denotam a existência da corrupção na região. Esses pontos, juntamente com a vingança resultante das brigas afetivas mostram que a violência é comumente usada como meio para resolver conflitos sociais e humanos e conseqüentemente obter poder.

Por fim, também se pôde traçar uma síntese de como a Amazônia é localizada com relação ao Brasil e ao mundo. Identifica-se a região como parte importante para história do país, mostrando aspectos singulares da Amazônia e características que a tornam igual ao restante do Brasil. Nesse sentido mostra-se que a região amazônica é pautada pelos meios de comunicação como lugar abandonado e onde as leis não são respeitadas. Assim, resulta-se a noção de que a Amazônia é uma terra onde vigora a corrupção e os moradores não tem boas condições de vida, além de viverem em meio ao atraso educacional e terem pouco acesso à informação por meio de rádio, TV, jornal impresso e revista. Porém, apesar da análise revelar a precariedade vivida na região amazônica, também verifica-se que aos poucos os sistemas políticos, econômicos, educacionais e estruturais da Amazônia começam a sofrer modificações, apesar de serem lentas.

Para tanto, foi de suma importância o conhecimento sobre a idéia do dialogismo, no qual a partir do cumprimento da metodologia de pesquisa pode-se saber por meio da proposta da teoria bakhtiana, que todo discurso do livro em análise é munido de ideologia que resulta da interação de outros discursos feitos por Klester Cavalcanti, e da voz de outras personagens, como mostram os resultados já discutidos nos capítulos anteriores.

Foi neste sentido que se alcançou a meta do trabalho, considerando-se por fim, que a Amazônia como enunciado em “O nome da morte” é resultado das vozes de personagens secundários, fotos, acontecimentos, documentos, impressões subjetivas do autor, e memória da personagem principal. São posições que aparecem de forma direta ou indireta, que interagem, se articulam e resultam em um entendimento dialógico sobre este objeto, expressando, por meio das diversas vozes identificadas no livro, um discurso dotado de juízos de valor sobre o entendimento que o autor tem da Amazônia.

Referências

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. **Guia para normalização de relatórios técnicos científicos**/ Célia Regina Simonetti Barbalho; Suely Oliveira Moraes. Manaus: EdUA, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.

_____ (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____ **Problemas da Poética de Dostoiévski**. RJ: Forense- Universitária, 1981.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo *Best-seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. São Paulo.

CAVALCANTI, Klester. **Direto da Selva** – as aventuras de um repórter na Amazônia. Coleção "Vida de Repórter", Geração Editorial, São Paulo, 2002.

CAVALCANTI, Klester. **O nome da morte**: a história real de Júlio Santana. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

COTRIM, Gilberto. **Saber e fazer história**, 8ª série, Saraiva, São Paulo, 1999.

DUTRA, Manuel S. **A Natureza da TV**: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta...Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, Valdir, **Dialogismo e enunciação**: Elementos para uma epistemologia da lingüística. *Linguagem & Ensino*, Vol. 1, No. 1, 1998 (3-32)

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero. 1994.

HOUAISS, Minidicionário da Língua Portuguesa/ organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.- 2.ed.rev e aum.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas** – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia científica**. 6 ed 7 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MOOG, Vianna. **O ciclo do ouro negro**. Porto Alegre: Globo, 1936.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas** - boi-bumbá, ciranda e sairé. Editora Valer, Manaus, 2008.

SCHWEICKARDT, Júlio; LIMA, Nísia. **Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia**: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). *Hist. cienc. saude-anguinhos* v.14 supl.0 Rio de Janeiro dez. 2007

SILVEIRA, Sirlei. **A Amazônia de Euclides da Cunha**: paraíso versus inferno. VIII Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

STEINBRENNER, Rosane. **Dimensão discursiva das mudanças sócio-ambientais na Amazônia**: Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana. VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. – Belém – PA.